

U LISBOA | UNIVERSIDADE
DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITECTURA

MARVILA: HABITAR ATRAVÉS DOS VAZIOS URBANOS

A REGENERAÇÃO DE UM QUARTEIRÃO E OS SEUS ELEMENTOS URBANOS

ENQUANTO ESTRATÉGIA DE REQUALIFICAÇÃO DA CIDADE

Catarina Oliveira Araújo

Licenciada

Projecto Final de Mestrado elaborado para a obtenção do Grau de Mestre
em Arquitectura

Orientação Científica

Doutor Carlos Silva Lameiro, Professor Associado

Jurí:

Presidente: Doutor Vítor Lopes dos Santos, Professor Associado

Vogal: Doutor João Francisco Figueira, Professor Auxiliar

Vogal/Orientador: Doutor Carlos Silva Lameiro, Professor Associado

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Dezembro,
2016

RESUMO

TÍTULO: Marvila: Habitar Através dos Vazios Urbanos

NOME: Catarina Oliveira Araújo

ORIENTAÇÃO: Doutor Carlos Silva Lameiro

Mestrado Integrado em Arquitectura

Lisboa, Dezembro 2016

A cidade está constantemente em processo de mudança. Inevitavelmente surgem transformações significantes na sua malha urbana, provenientes de diferentes sistemas: económicos, sociais, políticos, estruturais. Marvila não é excepção. A desindustrialização de diversas zonas fabris - espaços agora inactivos das suas funções originais - assim como a introdução de novas infra-estruturas promoveram o aparecimento de espaços residuais permanentes que influenciam directamente nas vivências sociais e na organização física e espacial da cidade.

Estes interstícios urbanos são interpretados como espaços marginalizados e esquecidos, como falhas na sua estrutura urbana. Pretende-se então contrariar esta propensão, projectando por sua vez espaços geradores de uma nova forma de ver e viver a cidade. Assim, e com a habitabilidade destes espaços, propõem-se novas formas de habitar criando outras oportunidades de ligações entre os diversos vazios existentes, transformando um espaço fragmentado num espaço público contínuo e articulado, onde os vazios irão actuar como elementos participantes desta nova forma de cidade.

Palavras-Chave: Vazios Urbanos; Quarteirão; Espaço-Público; Regeneração Urbana; Cidade.

*O presente documento não se encontra redigido ao abrigo do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

ABSTRACT:

TITLE:

Marvila: Live through the urban voids

STUDENT'S NAME:

Catarina Oliveira Araújo

ADVISER:

Doutor Carlos Silva Lameiro

Master's degree: Integrated with specialization Architecture

Lisbon, December 2016

The city is in a process of constant changing, which inevitably makes huge transformations on its urban structure. Those transformations can become from different systems: economics, socials, politics or structural. Marvila is not an exception. With deindustrialization of many fabric areas - spaces that are no longer working on its original functions - and with the introduction of new infra-structures, those spaces become residual, and have a directly influence on the space organization of the city, and on its social living. This interstitial urban spaces can be interpreted as forgotten or marginalized spaces, and as flaws on its urban structure. So, the main goal is to create spaces that are able to generate new forms of living and seeing the city. Therefore, it's important to create new connections between the existing holes, and transform broken spaces into articulated and continuous public spaces, where the holes will act like an active element of this new form of living the city.

Keywords: Urban Voids; Block; Public Space; Urban Revitalization; City.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Carlos Lameiro, pela orientação, disponibilidade e apoio constante. Pela motivação e confiança que depositou em mim, para o desenvolvimento deste trabalho.

À Camila e Carmen, pela presença e amizade ao longo desta jornada.

Aos meus pais pela educação e apoio incondicional.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	I
ABSTRACT:	III
AGRADECIMENTOS	V
ÍNDICE GERAL	VI
ÍNDICE DE FIGURAS	VII
1 INTRODUÇÃO	1
2 ESTADO DA ARTE	3
2.1 VAZIOS URBANOS	4
2.1.1 IDENTIDADE E MEMÓRIA	5
2.1.2 ENTRE O CHEIO E O VAZIO	9
2.1.3 À RECONQUISTA DO ESPAÇO	13
2.2 ELEMENTOS CONSTITUINTES DO ESPAÇO URBANO	17
2.2.1 A CIDADE	18
2.2.2 O ESPAÇO PÚBLICO	22
2.2.3 O QUARTEIRÃO	25
3 CASOS DE ESTUDO	29
3.1 MATTEOTTI VILLAGE, TERNI	30
3.2 SPITTELHOF HOUSING ESTATE, BIEL-BENKEN	33
3.3 UNIDADE DE VIZINHAÇA, PORTALES, CHILE	35
4 MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJECTO	38
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E ANÁLISE DO LUGAR DE INTERVENÇÃO: MARVILA	38
4.2 ESTRATÉGIAS DE REQUALIFICAÇÃO: MARVILA VELHA-NORTE	40
4.3 SOLUÇÃO URBANA E PROJECTUAL	42
4.3.1 AS UNIDADES HABITACIONAIS	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
BIBLIOGRAFIA	53
DOCUMENTOS ONLINE	55
ANEXOS	56

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 Vista parcial da agregação das unidades habitacionais

Fonte: < <https://pt.pinterest.com/pin/516084438524009909/> >

Fig. 2 Maqueta da solução urbana e diafragma explicativo da organização das diversas tipologias

Fonte: < <https://pt.pinterest.com/pin/213076626093738478/> >

Fig. 3 Planta e corte referente à tipologia Tipo 1. As habitações são organizadas em meios-pisos, onde a área de estar e o terraço encontram-se num piso inferior em relação aos quartos

Fonte: ZUCCHI, Benedict, *Giancarlo De Carlo*, Butterworth Architecture, 1992

Fig. 4 Alçado posterior do interior do quarteirão. É pelo interior do quarteirão que é possível aceder às habitações

Fonte: < <http://jinfaust.tumblr.com/post/131881220977/johnroeluna-peter-zumthor-spittelhof> >

Fig. 5 Planta da solução urbana e projectual

Fonte: ZUMTHOR, Peter, *Peter Zumthor: Buildings and Projects 1986-2007*, Lisboa

Fig. 6 Vista parcial do conjunto habitacional

Fonte: VÁRIOS, *Arquitectura, Identidad Y Patrimonio*, Santiago de Chile, 2011

Fig. 7 Vista dos sistemas de circulações presentes no conjunto habitacional

Fonte: VÁRIOS, *Arquitectura, Identidad Y Patrimonio*, Santiago de Chile, 2011

Fig. 8 Fotografia aérea da área urbana de Marvila

Fonte: Imagem disponibilizada na disciplina de Laboratório de Projecto VI, pelo docente

Fig. 9 Cartografia histórica. Esquerda: Planta de Silva Pinto (1904-1911); Centro: Planta de Serviços Cartográficos do Exército (1950); Direita: Ortofotomapa Actual.

Fonte: Imagem disponibilizada na disciplina de Laboratório de Projecto VI, pelo docente

Fig. 10 Enquadramento Urbano da Proposta

Fonte: Desenho técnico realizada pela autora

Fig. 11 Implementação da Solução Urbana com a Envolvente

Fonte: Desenho técnico realizada pela autora

Fig. 12 Solução imposta para o espaço público e as suas relações visuais

Fonte: Desenho técnico realizada pela autora

Fig. 13 Planta demonstrativa do “vazio” que dá lugar ao “cheio”

Fonte: Desenho técnico realizada pela autora

Fig. 14 Planta do equipamento multiusos proposta na Rua Pereira Henriques

Fonte: Desenho técnico realizada pela autora

Fig. 15 Esquema de Plantas de três níveis de habitação, referentes às tipologias T4 e T3

Fonte: Desenho técnico realizada pela autora

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho académico de final de curso do Mestrado Integrado em Arquitectura da Universidade de Lisboa tem como tema principal - *Marvila: Habitar através dos Vazios Urbanos* - e segue o desenvolvimento da temática proposta em Laboratório de Projecto IV em contexto de *Revitalização, Regeneração e Requalificação Urbana*.

O exercício de projecto a por em prática, tem como área de estudo a freguesia de Marvila e, pretende a apropriação dos vazios urbanos numa cidade consolidada como Lisboa. Estas sucessivas áreas em branco possuem a capacidade de redesenhar a estrutura da cidade - fragmentando-a. Para efeito, é necessário entender e estruturar este conceito e a envolvente em estudo. O conhecimento da importância destes interstícios urbanos e os efeitos que geram na cidade são fundamentais para perceber qual a capacidade de intervenção numa solução arquitectónica adequada à problemática em análise.

Os elementos urbanos que formam e caracterizam a cidade são igualmente estudados. Uma vez que se intervém numa cidade consolidada, é necessário compreender e estudar qual o papel que estes elementos – cidade, espaço público, quarteirão – desempenham e influenciam no desenho do espaço. Estes elementos possuem a capacidade de produzirem vida urbana e constituem um verdadeiro instrumento arquitectónico de produção de cidade.

Recorrendo a estratégias de requalificação urbana, procura-se novas possibilidades de habitar, assim como novas artérias de comunicação de forma a conectar os diversos vazios urbanos atendendo às suas próprias

características e respeitando o “sentido do lugar”. Ao articular os espaços pretende-se que eles actuem como um novo elemento urbano e, que surjam como actores de uma nova forma de habitar a cidade, não sendo contemplados novamente por espaços negativos e pejorativos, mas como oportunidades de fazer cidade. É na revitalização de um interior de quarteirão que irão ser retractsados os objectivos e conceitos em estudo. Tem como intenção reintegrar e recuperar no espaço, actualmente inactivo e degradado, as vivências sociais e o sentido comunitário tradicional e característico de Lisboa. De igual modo, pretende-se através de um novo traçado urbano, a criação de um espaço público passível de estabelecer relações de proximidade e de carácter colectivo.

Para analisar estes propósitos e concepções a uma problemática tão presente, recorre-se a autores que abordam e reflectam nos assuntos e conceitos a desenvolver, primeiramente numa vertente teórica, sendo a metodologia adoptada a revisão e sintetização da informação de documentos, bem como, a análise directa e indirecta da área em estudo. Igualmente são analisados e interpretados casos de estudo referenciáveis ao tema. De forma a complementar todo o processo de investigação, é através do desenho projectual e programático que irão ser retratadas as intenções abordadas.

2 ESTADO DA ARTE

Os vazios urbanos representam acontecimentos importantes no tecido estrutural de uma cidade, (re)desenhada por épocas de mudança e transformação. Observa-se que estes espaços vazios eram antes espaços cheios, úteis, mas que devido a diferentes processos económicos e sociais - depostos das suas actividades - tornaram-se em espaços degradados, inúteis. A sua degradação urbana influencia directamente nas práticas sociais e culturais de uma cidade e têm a capacidade de fragmentar e desarticular o espaço urbano. Podemos considerar estes espaços em branco, como uma falha ou uma pausa. Uma oportunidade de regeneração da cidade, que através de estratégias de requalificação, é possível a transformação de um espaço considerado negativo, num espaço positivo. Uma parte integrante da cidade, susceptíveis de uma dinâmica social necessária na relação humana. É pois, necessário ir à reconquista do espaço.

O interior de um quarteirão é por vezes considerado num espaço vazio e desaproveitado. Um espaço privado pelo edificado envolvente e geralmente cheio de estruturas espontâneas que dificultam a organização e a potencialidade do espaço interior. Caracteriza-se por um elemento morfológico organizador da estrutura urbana de uma cidade: o lote e o edifício, o traçado e a rua; as relações de transição que estabelece entre os espaços públicos e privados, os cheios e os vazios. A apropriação destes “miolos” ganham forma no (re)desenho do espaço, um espaço aberto para a cidade e de afirmação impulsionadora da revitalização urbana.

2.1 VAZIOS URBANOS

"O objectivo: encontrar a "zona morta";

Procurar o "vazio";

Pesquisar o "nada";

Investigar a "terra de ninguém";

Localizar os "espaços livres";

Mapear o "Terrain Vague".

Esboçar o "terreno baldio" e "áreas abandonadas";

Fotografar o "Resíduo".¹

Gil M. Doron

Vazio pelo sentido próprio da palavra. Vazio por imposição do destino. Vazio por uma indeterminação do espaço. Vazios urbanos, ou vazios expectantes, remetem a uma imagem da cidade de incerteza. São lugares obsoletos, rejeitados pela cidade e que permanecem num estado incompleto, de sobrevivência. Decorrem de um tipo de ausência que por diversas razões permanecem sem um propósito. No entanto, não deixam de ser lugares com memória que retractam a história e o sentido de um lugar. Estes espaços descontínuos e incomunicáveis na estrutura urbana foram intitulados de vazios urbanos. Mas vazio de que perspectiva?

¹ DORON, Gil M. (2000) *The Dead Zone and the Architecture of Transgression*, City 4, no. 2, p. 250. (tradução livre, original: "The goal: finding the 'Dead Zone'; Seeking for the 'Void'; Searching the 'Nothingness'; Investigating the 'no man's land'; Locating the 'Free Spaces'; Mapping the 'Terrain Vague'; Outlining the 'Wastelands' and 'Derelict areas'; Photographing the 'Residuum'.")

2.1.1 IDENTIDADE E MEMÓRIA

“O Homem se admira de si mesmo por não poder aprender a esquecer e por sempre se ver novamente preso ao que se passou (...) Incessantemente uma folha se destaca da roldana do tempo, cai e é carregada pelo vento – e, de repente, é trazida de volta para o colo do homem. Então, o homem diz: “eu lembro-me”²

F. Nietzsche

O conceito de vazio urbano abrange várias terminologias: *Terrain Vague*, *Brownfields*, *Não-lugares*, *Death Zone*. Designações comuns que definem espaços esquecidos, fragmentados, desprovidos de qualquer identidade. Um vazio marcado pelo desgaste, pela decadência, incapaz de comunicar ou estabelecer qualquer tipo de relação com a cidade, se não apenas um sentimento de perda, desprezo, preconceito.

A origem deste conceito foi apresentada inicialmente por Jean Labasse (1966) como *“friches sociales”*, ou seja, vazios sociais, associada aos ciclos de mudança industrial. Geralmente utilizado para definir *“um espaço, construído ou não, desocupado ou sem muita utilização; antes ocupado por actividades industriais ou outras actividades ligadas à indústria”*.³

Se analisarmos uma cidade como Lisboa, verificamos que a sua estrutura urbana é preenchida por espaços em branco. Uma das principais origens destes espaços foi a crise do modelo industrial, designado pelo fenómeno da desindustrialização. Normalmente são espaços caracterizados por grandes

² MENEGUELLO, Cristina (2009). Espaços e Vazios Urbanos, in: *Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Edições Almedina, p. 127.

³ MENDONÇA, Adalton da Motta (2001) *Vazios Industriais: Ensaio sobre Friches Sociales*. Disponível em:<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/869>

áreas territoriais, localizadas em lugares privilegiados de uma cidade, como as frentes ribeirinhas. *Brownfields*⁴, ou, terrenos contaminados pelo abandono de antigas indústrias, são agora memória de uma época de mudança e transformação.

O vazio é assim entendido não pela actividade industrial decorrida mas “*pelos empreendimentos que um dia foram desactivadas, sofreram a acção do tempo e, com a consequente degradação natural, transformaram-se em zonas consideradas mortas*”⁵.

São considerados espaços mortos: zonas portuárias abandonadas, locais fechados de mineração ou áreas industriais, bairros abandonados, terrenos baldios, espaços à margem de estradas ou debaixo de pontes, ou seja, lugares aparentemente vazios e sem uso.⁶ Consequentemente convertem-se em lugares clandestinos, de práticas consideradas ilegais, tornando-se espaços de rejeição, inactivos. A existência destes vazios constitui assim, “*um problema social, de mau aproveitamento do capital investido e de desprezo do património construído. Constitui um crime ambiental, já que esses deixam de usar uma infra-estrutura projectada e calculada para sua plena utilização, fazendo a cidade buscar novos terrenos*”.⁷

Mas se para uns, estes espaços em aberto são um “erro a ser corrigido” para outros, são um espaço de oportunidade. Qualificados por lugares de ninguém, é no coração de Berlim, que estes espaços de oportunidade foram ocupados

⁴ Designação que surgiu nos USA numa investigação dirigida pela *Northeast Midwest Congressional Coalition*.

⁵ MENEGUELLO, Cristina (2009) *Espaços e Vazios Urbanos*, in: *Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Edições Almedina, p. 129.

⁶ DORON, Gil M. (2000) *The Dead Zone and the Architecture of Transgression*, City, Vol. 4, No. 2, p. 247.

⁷ MENEGUELLO, Cristina (2009) *Espaços e Vazios Urbanos*, in: *Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Edições Almedina, p. 130.

ilegalmente por estruturas espontâneas que acolhiam imigrantes, artistas, sem-abrigos, criando um sentido comunitário e uma identidade própria. *Thacheles*⁸ é exemplo desta forma de apropriação de espaço, transformando-se nos dias de hoje numa atracção turística.

Diagnosticam os vazios como uma doença à procura de uma cura, um problema à procura de uma solução, um anónimo à procura de uma identidade. Nunca é colocada a hipótese de estes vazios serem considerados como lugares no sentido próprio da palavra. Lugares com identidade e memória. Onde são uma parte integrante na cidade, onde não deixam de ser a memória de um passado, que se impõe no presente, evocando um futuro.

Os vazios que representam mais o peso da memória são os que resultam de acontecimentos trágicos - guerra, ideologias, desastres naturais ou acções provocadas pelo Homem. Auschwitz é exemplo de um vazio imenso, de um silêncio inexplicável, de uma memória difícil de esquecer. Igualmente, a segunda grande guerra deixou feridas abertas que ainda hoje permanecem nas antigas cidades características de uma personalidade única. Apesar da renovação de alguns vazios, ainda permanecem em si o significado e a “memória difícil” dos acontecimentos sucedidos - valores essenciais a serem preservados.

Cristina Meneguello interroga-se sobre o valor que se pode atribuir aos vazios urbanos, sublinhando a falta de reconhecimento da importância da memória urbana aliada a estes espaços. Refere ainda o esquecimento como um elemento indissociável à memória que *“nos oferecem uma possibilidade para espelhar a relação espaço urbano-vazio urbano. Memória-esquecimento. A*

⁸ Kunsthau Tacheles, é um centro de arte em Berlim, Alemanha. Depois da queda do muro de Berlim, o edifício foi apropriado por artistas, para estúdios e oficinas.

*memória não é o oposto ao esquecimento, ou sua correcção. Para conseguir lembrar, é preciso esquecer.”*⁹

Para Solá-Morales a fotografia é uma componente associada à memória, referindo a importância do registo fotográfico como uma reflexão do passado sobre a cidade. São os espaços vazios, abandonados, exemplares de uma série de acontecimentos, que parecem interessar ao olhar dos fotógrafos urbanos. É através da imagem fotográfica que “*estabelecemos com estes lugares, vistos e imaginados, um juízo de valor.*”¹⁰

Estes “pontos de atracção” são designados por *Terrain Vague*. Palavras que definem os vazios urbanos, como espaços vagos, incertos, estranhos. São lugares obsoletos que parecem permanecer certos valores residuais, apesar de serem destituídos das actividades iniciais. Transformam-se em áreas desabitadas, inseguras e estereis, difundindo uma imagem perante estes lugares de insegurança e desconfiança.

No entanto e, contrariamente a outros autores, Solá-Morales sublinha que o termo *Vague*, representa um espaço vazio, desocupado mas igualmente “*livre, disponível, descomprometido (...) vazio, portanto, como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço de possibilidade, expectativa.*”¹¹

Sobre uma nova perspectiva, defende a oportunidade que é necessário atribuir a estes espaços que à *priori*, são espaços livres, disponíveis, desimpedidos. São assim, uma oportunidade de revitalização da cidade, passível de estabelecer novas relações.

⁹ MENEGUELLO, Cristina (2009) Espaços e Vazios Urbanos, in: *Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Edições Almedina, p. 131.

¹⁰ SOLÀ-MORALES, Ignasi De (2002), *Territórios*, Gustavo Gili, Barcelona, p. 127.

¹¹ *Ibidem*.

Conclui-se que é necessário ter em consideração duas perspectivas quando se fala em vazio. O vazio, como espaço obsoleto, marginalizado. Um espaço que é visto como uma incerteza, desajustado ao espaço que o rodeia comprometendo o futuro. Ou o vazio como uma oportunidade de reestruturar a cidade. Uma vez que estes vazios são espaços desocupados, são livres para receber novas estratégias de requalificação de forma a enquadrarem-se na estrutura da cidade como uma parte integrante.

2.1.2 ENTRE O CHEIO E O VAZIO

“O oleiro faz um vaso, manipulando a argila, mas é o oco do vaso que lhe dá utilidade.”

Lao Tsé

No entendimento dos vazios urbanos, é igualmente necessário compreender a presença de cheios urbanos. O vazio não significa a ausência de espaço, nem espacialidade absoluta – *“o espaço vazio existe, só em relação a um espaço cheio”*¹². A percepção do vazio não é vacuidade, na qualidade de vazio. O vazio é dinâmico e cheio de possibilidades de algo ou de alguma coisa, através do processo de requalificação. Assim, um espaço vazio pode vir a ser transformado num *“lugar cheio ou um lugar potencial (...) a partir do qual se possa requalificar a paisagem e o ambiente urbanos.”*¹³

¹² SISTI, Cláudia (2007) *Superfície Activa*, In: *Actas do Seminários Estudos Urbanos: Vazios Úteis*, ISCTE, p. 4.

¹³ JANEIRO, Pedro António (2007) *“CHEIOS INÚTEIS”*, p. 9. Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1488/1/Pedro%20Janeiro.pdf>.

Ao espaço que se encontra entre o cheio e o vazio podemos denominar de interstício urbano. Este conceito é geralmente utilizado para designar um espaço não edificado consequente de uma malha urbana projectada pelos edifícios. O espaço sobrance é assim designado por negativo ou vazio, em contrapartida ao espaço edificado, positivo ou cheio. Assim, existem duas designações, o positivo e o negativo, representantes da forma e fundo, respectivamente.

Entende-se como “espaço positivo” quando se tem uma forma definida e distinta e se apresenta com a mesma importância da forma dos edifícios que a envolvem. Considera-se como “espaço negativo” quando o espaço resultante da disposição dos edifícios é disforme, residual, e não vêm adicionar algo mais à forma construída.¹⁴ No referido “espaço positivo”, normalmente definido por traçados irregulares, existem espaços “enclausurados” pelos edifícios envolventes. Esses espaços são mais intensos e atractivos ao uso do espaço exterior, pela sensação de acolhimento e refúgio, contrariamente aos “espaços negativos” onde a apropriação ao próprio espaço é considerado mais difícil se não mesmo, impossível. O conceito de “espaço positivo” é um instrumento essencial para o estudo arquitectónico da cidade. A sua forma proporciona uma continuidade ao traçado urbano, evitando os “espaços negativos”, sendo que *“a natureza positiva de um espaço é necessária para preservar a unidade do sistema”*.¹⁵

Identifica-se o espaço edificado como forma ou cheio e o espaço não edificado – interstício – como fundo ou vazio. Sucede-se que o fundo ou vazio,

¹⁴ CHRISTOPHER, Alexander (1977) *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*, Oxford University Press, p. 518.

¹⁵ *Ibidem*, p. 261.

apresenta igualmente uma forma mesmo que aparente, sendo que *“a forma arquitectónica resulta do encontro entre a massa e o espaço”*.¹⁶

A matéria - entendido como cheio - e espaço vazio, são dois conceitos indissociáveis. Integrados, *“eles constituem um todo indissociável, o que dá ao objecto uma configuração específica.”*¹⁷ – a forma.

Para Fernando Távora, os pontos e as linhas que geram os volumes e superfícies são elementos constituintes do espaço ao qual se dá o nome de formas. Sublinha ainda que o espaço não é o negativo das formas, mas a constituição de matéria e não apenas as formas que residem no espaço. E ainda, que *“o espaço que separa – e liga – as formas é também forma”*¹⁸. Refere que não há *“formas isoladas”*, uma vez que subsiste uma relação entre o positivo, as configurações que ocupam o espaço, e o negativo, apesar de não serem visíveis, compõe uma forma mesmo que aparente.

No espaço organizado é essencial compreendermos que *“as formas em si, e relação entre elas, o espaço que as limita”*¹⁹ são resultantes de um espaço contínuo. De igual modo, o espaço é também ele irreversível. Mesmo não sendo possível devolver a algo ou alguma coisa a sua principal essência, a sua memória ao espaço, visto que *“organizado nunca pode vir a ser o que já foi”*²⁰ a associação entre as formas e espaços, e entre os mesmos e os usos,

¹⁶ GUERREIRO, Maria Rosália (2008) *“Interstícios Urbanos e o Conceito de Espaço Exterior Positivo”*, ISCTE-IUL, p. 15.

¹⁷ DUARTE, Rui Barreiros (2007) *Vazios Úteis*, In: *Actas do Seminários Estudos Urbanos: Vazios Úteis*, ISCTE, p. 1.

¹⁸ TÁVORA, Fernando (1982) *Da Organização do Espaço*, ESBAP, p. 24.

¹⁹ *Ibidem*, p. 30.

²⁰ *Ibidem*, p. 31

presentes num determinado lugar *“renova a memória e, em consequência, o significado que tais espaços adquiriram na história.”*²¹

O cheio e o vazio dividem-se ainda em mais duas categorias, conforme o papel que desempenham numa imagem da cidade. Quando são espaços “úteis”, apresentam-se como oportunidade de fazer cidade, promovendo a continuidade do espaço. Ou quando são “inúteis”, espaços fragmentários que têm a capacidade de delapidar o espaço. Numa cidade consolidada são os vazios que assumem um carácter de utilidade. Sugerem a necessidade de estabelecer acções dinâmicas no lugar, participando na formação activa da “imagem da cidade”.²² Os “inúteis” que negam e se desintegram no espaço evidenciam a descontinuidade.

Segundo Fernando Távora, é a desorganização da cidade contemporânea que manifesta a descontinuidade, criando um novo tipo de organização de espaço. O seu crescimento descontrolado dilacera as paisagens naturais deixando um rasto de desordem. Com efeito, enormes extensões da cidade são incapazes de estabelecer relações coerentes entre os espaços organizados e em consequência sofrem uma delapidação *“processo de criação de formas desprovidas de eficiência e de beleza, de utilidade e de sentido”*.²³

Este processo afecta o espaço na medida em que, as formas não são mais eficientes, destroem valores ou não criam significado, interferem na vida física e espiritual ao invés de prolongar e enriquecer o espaço. Deste modo, é

²¹ MAGALHÃES, Sérgio Ferraz (2007) *A Cidade na Incerteza: Ruptura e Contigüidade em Urbanismo*, Viana Mosley, p. 83.

²² PEDRO, Jorge (2007) *Vazios Úteis – Cerzir a Cidade*, In: *Actas do Seminários Estudos Urbanos: Vazios Úteis*, ISCTE, p. 3.

²³ TÁVORA, Fernando (1982) *Da Organização do Espaço*, ESBAP, p. 39.

importante preservar e respeitar o espaço *“o que hoje era espaço vivo pode ser amanhã espaço morto”*.²⁴

Os vazios são entendidos como espaços disfuncionais e improdutivos no crescimento da cidade. Aparentam uma incerteza. Um silêncio. Podemos considerar isto como uma falha, ou uma pausa. É a função do arquitecto saber interpretar esse conceito e definir estratégias de intervenção que sejam capazes de gerar uma continuidade ao tecido urbano, em contraponto, à ruptura que estes vazios formam. Compreende-se então que *“os vazios urbanos só aparentemente são inúteis”*.²⁵

2.1.3 À RECONQUISTA DO ESPAÇO

*“o caso de certo formoso queijo com buracos no qual, ainda que os buracos não alimentem, eles são indispensáveis para a total definição das suas características. (...) o espaço que se deixa é tão importante como o espaço que se preenche.”*²⁶

Fernando Távora

Admite-se, que os vazios são espaços que independentemente das suas características ou génese representam uma disfuncionalidade no tecido urbano em que se inserem. São vistos, como a ausência de sentido, como uma negação na cidade. Os vazios urbanos, como lugares esquecidos na cidade, são considerados “vazios”, principalmente de significado: *“Não que sejam sem significado porque são vazios: é porque não tem significado, nem se acredita*

²⁴ *Ibidem*, p. 47.

²⁵ JANEIRO, Pedro António (2007) *{CHEIOS INÚTEIS}*”, p. 10. Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1488/1/Pedro%20Janeiro.pdf>>

²⁶ TÁVORA, Fernando (1982) *Da Organização do Espaço*, ESBAP, p. 30.

que possam tê-lo [nas condições em que se apresentam]”²⁷. É, pois, necessário visualizar o vazio como o lugar que é, ou o lugar que pode vir a ser. Um lugar de esperança, do qual se consiga fazer e pensar arquitectura e cidade. Têm de ser observados e reflectidos no âmbito da contribuição para a mobilidade e continuidade do espaço.

Quando se pensa em ocupar um espaço vazio, presente numa cidade consolidada, é essencial analisá-la como um todo antes de ir à reconquista do espaço. A cidade é, pois, como um organismo vivo, como se houvesse num *“corpo humanos pedaços vazios, pelos quais passam veias, nervos, irrigando sangue por artérias e veias maiores que as necessárias. Seria preciso que tivéssemos um coração – bomba – mais poderoso que o necessário se não existissem os vazios. Então, a primeira missão para se ter cidades sustentáveis é ocupar inteligentemente e coordenadamente os seus vazios”²⁸. Com efeito, é necessário reflectir e ordenar eficazmente estratégias de requalificação do espaço, de forma a preencher as falhas presentes na estrutura urbana de uma cidade. Estas falhas devem ser assim completadas com o que lhes “falta” – *“com o próprio urbano”²⁹.**

Determinados espaços vazios não têm uma apropriação estratégica que lhes atribua algo positivo e útil no uso do espaço. No entanto, são também lugares onde actividades marginais e clandestinas sobrevivem e um novo ciclo é iniciado, onde *“nada é vazio, nada é inútil, nem esconderijos são desocupados.*

²⁷ RODRIGUES, Ana Cabral (2007) *A Politização do Vazio*, In: *Actas do Seminários Estudos Urbanos: Vazios Úteis*, ISCTE, p. 7.

²⁸ *Ibidem*, p. 3.

²⁹ *Ibidem*, p. 4.

*Tudo é usado (...) Quando um espaço cai em abandono, se ocupa imediatamente.*³⁰

O espaço é então ocupado por comunidades marginalizadas que transgridem as restrições espaciais originando em ambientes diferentes, mas que actuam dentro dos limites do próprio sistema. Para Gil M. Doran a arquitectura e o urbanismo produzem a imagem. Estas comunidades produzem o espaço. É nos lugares considerados vazios, *Death Zone*, que os actos de transgressão são mais visíveis. Espaços transgressivos, é o termo utilizado para caracterizar, na generalidade, a monopolização de espaços públicos. Os vendedores de rua, os artistas com as suas performances, sem-abrigos, atribuem novos usos aos “vazios” humanizando a rua pela diversidade e vitalidade. A rua é transformada num lugar. Estas acções contrariam a propensão de que é necessário “limpar” as ruas, no qual, apenas representam um instrumento que conecta os diferentes espaços. Assim, a rua converte-se num não-lugar. Os meios, pelos quais estas comunidades têm a capacidade de modificar a rua de um “não- lugar” em um “lugar”, são realizados pelo deslocamento de actividades que são aceites em outro lugar.³¹

Podemos concluir que existem diferentes formas de apropriação do espaço, segundo a interpretação e apropriação de cada indivíduo: ou *“convertem-se em objectos desejados por especuladores imobiliários, ou noutro caso por pessoas sem alojamento com pretensões ocupas (...) ou a construção de um objecto arquitectónico”*³². Independentemente do tipo de apropriação, cada intervenção remete ao preenchimento do vazio, que pode traduzir-se, no caso

³⁰ LYNCH, Kevin (2005) *Echar a perder: un análisis del deterioro*, Gustavo Gili, Barcelona, p. 21.

³¹ DORON, Gil M. (2000) *The Dead Zone and the Architecture of Transgression*, City 4, no. 2, p. 252-254.

³² MENEGUELLO, Cristina (2009), *Espaços e Vazios Urbanos*, in: *Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Edições Almedina, p. 130.

de uma ocupação pensada – o construir cidade - ou na ocupação indesejável - traduzindo-se em insegurança e degradação.

No decorrer da Trienal de Arquitectura de Lisboa, em 2007, sendo a temática abordada, os vazios urbanos, determinou-se que os vazios são uma oportunidade de cicatrização do tecido urbano. Sustentam novas estratégias de intervenção para a resolução de conflitos desde a pequena escala, entre o espaço e os serviços públicos, à grande escala, o “cozer” da cidade.³³

Numa sessão de debate, Mark Wigley coloca uma questão impertinente: “*E se a cidade pretender um coração vazio?*”³⁴. Os vazios são abordados numa “*realidade urbana cada vez mais densa e intensificada*”³⁵ e questiona se não será um erro preencher o vazio por uma centralidade. Estes vazios apresentam-se como um sistema de possibilidades, como um convite à experimentação, sendo um elemento fundamental na actividade e prática da arquitectura - “*Os vazios são a verdadeira essência da arquitectura*”³⁶.

³³ VÁRIOS (2007) *Vazios Urbanos – Trienal da Arquitectura*, Lisboa, Caleidoscópio, p. 22.

³⁴ MILHEIRO, Ana Vaz (2007) Um Coração Vazio Ou Cheio. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/jornal/um-coracao-vazio-ou-cheio-217330>.

³⁵ WIGLEY, Mark (2007) *Void Set - Trienal de Arquitectura de Lisboa*. Disponível em: <http://trienal.blogs.sapo.pt/13385.html>.

³⁶ *Ibidem*.

2.2 ELEMENTOS CONSTITUINTES DO ESPAÇO URBANO

*“Elemento, (do lat. Elementum) s.m. (...) 3. Tudo o que entra na composição de alguma coisa (...) 4. Cada parte de um todo”.*³⁷

Dicionário da Língua Portuguesa

A identificação dos elementos morfológicos pressupõe conhecer as partes das formas e o modo como se estruturam na cidade. A leitura da cidade é importante para o conhecimento do meio urbano e a sua morfologia, que analisa os aspectos exteriores e as suas relações mútuas. Assim, a existência de instrumentos de leitura permite organizar e estruturar os elementos morfológicos. A cidade é formada por estes elementos urbanos e por categorias de espaços: espaços públicos como a rua a praça; espaços privados como edifícios; ou espaços de transição como os quarteirões.

A cidade tem um papel fundamental na distribuição dos seus elementos estruturantes. Define um espaço e uma forma urbana, que é produto e geradora da tipologia edificada numa relação entre a cidade e a arquitectura, entre a forma urbana e edifícios. Separa-se ainda entre o domínio do espaço privado e público, respectivamente entre o cheio e o vazio. Um e outro completam-se, através do equilíbrio destas duas condições, em que o espaço público é potencializador da vida urbana O espaço público é o elemento que representa as características, comportamentos e dinamismos sociais, é o espaço mais acessível de uma cidade feita para as pessoas e de pessoas. Por sua vez, o interior do quarteirão apresenta-se como um espaço de grande

³⁷ VÁRIOS (2002) *Dicionário da Língua Portuguesa – Fundamental*, 6ª Edição, Texto Editor, Lisboa, p. 280.

potencialidade e de valorização da cidade, que separa e define o que é exterior do que é interior.

2.2.1 A CIDADE

“A cidade é como uma casa grande e a casa, por sua vez, é como uma cidade pequena”³⁸

Leon Battista Alberti

A cidade é o resultado de ciclos de mudança e de transformação, elementos que a formam e a definem como cidade. É o testemunho de uma herança, e de uma permanência. O lugar de transmissões dinâmicas que a caracterizam enquanto tecido de conexão dos nossos actos e estruturação social. A cidade é ainda caracterizada pela sua materialidade e ritmos, assim como pelas formas constituintes do espaço urbano.

Carlos Fortuna refere que Henri Lefebvre reinterpreta a cidade através da heurística da rua e dos ritmos diários presentes no espaço. Defende que a “ritmanálise” constitui uma forma de perceber a cidade, escutá-la como um todo. Alcança as expressões e ritmos do espaço público e da cultura de uma cidade, feita de confrontos. Compreende diferentes percepções e modos de apropriação do espaço sendo capaz de distinguir o que é frequente e repetitivo, o que é linear ou particular no quotidiano dos indivíduos – “*O trajecto casa-trabalho-casa, sendo cíclico e repetitivo (...) pode ser singular e diferenciado a cada dia, em função do modo como organizamos os nossos ritmos: com quem nos encontramos, que lugares frequentamos, que*

³⁸ BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (2000) *Quid tum? O combate da arte em Leon Batista Alberti*. Belo Horizonte, p. 212.

*experiências sensoriais experimentamos, onde decidimos “parar” e fazer um “intervalo” nesse trajecto.”*³⁹

Entende-se que a cidade é reproduzida por diferentes ritmos, que constituem formas, intervalos e interrupções. Os ritmos podem-se sobrepor uns aos outros, existindo aumento ou diminuição rítmica em função dos lugares da cidade e o seu significado. Com efeito, referencia os vazios urbanos, como exemplo, de *“sinais de dinâmica social (...) permitindo que identifiquemos um “intervalo” de vida e de espaços com usos só temporariamente urbanos, que todavia enriquecem e imprimem variedade à paisagem.”*⁴⁰

Para o entendimento das formas, têm-se de falar de urbanidade. Douglas Aguiar compreende que a cidade possui múltiplas características, e que no seu conjunto formam a urbanidade. Fala da urbanidade como os espaços presentes na cidade que acolhem as pessoas – espaços hospitaleiros – em contraponto, com os espaços inabitáveis – espaços de baixa urbanidade. Explora o conceito de urbanidade como “carácter urbano”, ou seja, “o conjunto de qualidades, boas ou más, que distinguem uma cidade”.⁴¹ A cidade ou o espaço deve acolher as pessoas com civilidade, polidez, com cortesia – urbanidade - em vez de receber com hostilidade.

Urbanidade é algo que vem da cidade, da rua, do edifício, pelo corpo, pelo individual e colectivo, resumidamente, da arquitectura do espaço público. A apropriação da forma na cidade, desde o *“o desenho do corrimão da escadaria da praça, que em algum momento vai dar guarida à mão do velho, passando pela largura da calçada, chegando até à definições sobre o desenho de ruas,*

³⁹ FORTUNA, Carlos (2009) *Cidade e Urbanidade*, In: *Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Edições Almedina, p. 89.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ AGUIAR, Douglas (2012) *Urbanidade e a Qualidade da Cidade*, In: *Urbanidades*, Rio de Janeiro, Folio Digital: Letra e Imagem, p. 62.

*quarteirões e bairros inteiros*⁴² contribui para a condição de urbanidade. Cada um dos elementos adapta-se ao espaço, à forma, ao corpo, individual e colectivo. Aborda assim a definição de urbanidade como uma “qualidade *de formas ou formas*”⁴³ como a comodidade do espaço público.

Holanda defende ainda a existência de um outro elemento à condição de urbanidade em relação com a cidade referenciando a condição de informalidade, por oposição à condição de formalidade. Utiliza a favela como exemplo de informalidade. Uma cidade informal é diferente da na sua forma e no status jurídico, relativamente à cidade formal. Formal é algo estruturado, com uma geometria regular “*um tipo de cidade que segue determinadas formalidades, alinhamentos, traçados*”.⁴⁴ No entanto, Aguiar defende que uma cidade com formalidade, não significa necessariamente que seja uma cidade com urbanidade, que não têm a capacidade de acolhimento ao corpo, às pessoas. Exemplo disso, é a Esplanada dos Ministérios em Brasília, em contraponto à praça de São Pedro. Ambas possuem um grau de formalidade. Mas se a primeira apresenta baixa urbanidade, a segunda é a oposição. Repleto de urbanidade, as edificações acolhem o espaço público, “*as escadarias que se tornam bancos abrigados pela galeria em curva, sem solenidade. O corpo é simplesmente acolhido, plenamente, por toda aquela monumentalidade. (...) as pessoas querem ficar ali.*”⁴⁵ São estes espaços, estes pormenores, elementos formais desenhados com urbanidade que são passíveis de estabelecer relações sociais. De experienciar a cidade.

⁴² *Ibidem*, p. 64.

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 71.

⁴⁵ *Ibidem*.

A condição de urbanidade é, portanto, algo que vem do urbano na cidade, na forma como a cidade está configurada e acolhe as pessoas. O acolhimento do espaço, para com o corpo, ocorre de diferentes formas, na rua, no bairro, na favela, no conjunto habitacional ou em uma outra situação urbana. A cidade seja de que tipo for, é segundo Alberti, como uma grande casa. Um abrigo.

Pode-se dizer que a forma é pertencente à cidade. Nos seus ritmos, urbanidade, na sua arquitectura e experiência - a forma estrutura a cidade. Quando se fala em conceito de forma, fala-se na sua aparência e configuração exterior. Para o conhecimento da forma é necessário um instrumento de leitura – visual – exterior, mas que não revela por completo a matéria da forma, sendo necessário outros instrumentos. Na morfologia urbana, os instrumentos de leitura urbanísticos e arquitecturais permitem a leitura da cidade como facto arquitectural.⁴⁶ O conceito de “forma urbana” relaciona-se assim com a arquitectura – *“a forma da cidade corresponde à maneira como se organiza e se articula a sua arquitectura (...) por uma arquitectura própria e uma forma própria.”*⁴⁷

A forma relaciona-se ainda com a função, uma vez que *“a forma sempre segue a função”*⁴⁸. Adapta-se, de maneira a possibilitar o desenvolvimento das actividades que lhe são próprias. Diferentes formas correspondem a diferentes funções, e diferentes modos de concepção – *“facilmente se percebe*

⁴⁶ LAMAS, José M. Ressano Garcia (1993) *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 37.

⁴⁷ ROSSI, Aldo (1977) *A Arquitectura da Cidade*, Cosmos, p. 59.

⁴⁸ FREHSE, Fraya (2009) Usos da Rua, In: *Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Edições Almedina, p.158.

que uma fábrica seja diferente de uma habitação, ou um copo de uma garrafa.”⁴⁹

Neste sentido, a cidade é um sistema de relações complexas. Não existe cidades iguais. Cada uma é marcada pelos seus ritmos, estrutura, pela sua individualidade. Os elementos morfológicos, rua e praça, edifícios e fachadas, até podem ser semelhantes de cidade para cidade, mas a diferença resulta da posição e organização da forma, e da articulação entre estes elementos que constituem o espaço urbano. Todas estas singularidades remetem a diferentes experiências, que provocam no indivíduo diferentes sensações, remete ao direito da cidade. O direito de usufruir aquilo que a cidade oferece, num ambiente qualificado. O direito à vida e à cultura urbana à qualidade da paisagem e arquitectura é um direito social.

2.2.2 O ESPAÇO PÚBLICO

“Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona.”⁵⁰

Jane Jacobs

O espaço público é considerado em elemento fundamental da cidade. Um “vazio” urbano, ou o espaço sobranete conformado pelos volumes que lhe são adjacentes, e que tem um papel importante na qualidade desses mesmos volumes, e na forma como se relacionam com o espaço. Compreende os lugares urbanos que, em conjunto com estruturas colectivas, dão lugar a ruas,

⁴⁹ LAMAS, José M. Ressano Garcia (1993) *Morfologia Urbana E Desenho Da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 37.

⁵⁰ JACOBS, Jane (2000) *Morte e Vida das Grandes Cidades*, Martins Fontes, p. 29.

praças, avenidas. Espaços repletos de significados, um palco de actividades sociais, passível de estabelecer interacções entre indivíduos.

É nos espaços públicos que se desenrola o drama da vida comunitária. Os elementos que constituem o espaço público de uma cidade dão forma ao fluxo de actividades e trocas humanas. São ainda espaços dinâmicos enquanto catalisadores da vida social, proporcionando canais de movimento e nós de comunicação que satisfazem as necessidades dos indivíduos. Carr refere que existe um equilíbrio dinâmico entre o público e o privado, onde diferentes culturas apropriam-se do espaço, de modo, igualmente diferente. Os valores que cada sociedade manifesta no espaço, explicam as diferenças, entre diferentes cenários e culturas, reflectindo-se nos valores públicos e privados.⁵¹ Neste sentido, o espaço público *“incluiu todas as áreas que são abertos e acessíveis a todos os membros do público em uma sociedade.”*⁵²

Para Trigueiro, a actividade social e a social urbana compreendem duas formas de organização colectiva: do “fabricante” e do “público”. O colectivo do fabricante refere-se à fabricação e ao funcionamento dos dispositivos técnicos e espaciais do urbano (DTSU) e conecta organizações e objectos. O colectivo público, respeita o uso dos DTSU e relaciona públicos (habitantes, cidadãos) e objectos. No âmbito da actividade social urbana, os espaços públicos formam os objectos - *“eles são, considerando os colectivos que mobilizam e as interacções que facultam, “produções” derivadas das profissões urbanísticas ou “instrumentos” de fundamental importância para a organização da vida urbana.”*⁵³ Enquanto “sujeito e instrumento” o espaço

⁵¹ CARR, Stephen (1992) *Public Space*, Cambridge University Press, p. 3-22.

⁵² ORUM, Anthony & NEAL, Zachary (2010) *Common Ground? / Readings and Reflections on Public Space*, Routledge, p.1.

⁵³ TRIGUEIRO, Marcele (2012) Pacificação da Cidade: A urbanidade legitimada, In: *Urbanidades*, Folio Digital: Letra e Imagem, Rio de Janeiro, p. 84.

público é *“feito de formas, de materiais, de práticas, de modos de gestão, de elementos imateriais”*⁵⁴. Quando aplicados correctamente, estes elementos contribuem para uma melhor qualidade e utilização do espaço - essencial ao *loci* da urbanidade.

As actividades presentes no espaço público são classificadas, por Jan Gehl, de actividades necessárias: aquelas a que o envolvente necessita de participar, ir para a escola/trabalho, esperar pelo transporte; actividades opcionais: ocorrem apenas quando o espaço exterior é favorável, inclui actividades, como caminhadas ou observar o espaço em redor; e as actividades sociais: que dependem da presença de outros usuários no espaço público, para encontros, diálogos, actividades colectivas.⁵⁵ Quando combinadas permitem transformar espaços comuns em cidades agradáveis e com significado, num sentimento de pertença. As actividades mencionadas têm como cenário a rua, no qual novas formas sociais e culturais são geradas. A diversidade social e cultural interfere na relação dos indivíduos com os usos da rua, e que resulta num *“teatro espontâneo, no qual eu me torno espectáculo e espectador, às vezes actor”*.⁵⁶

Os comportamentos físicos dos indivíduos e as comunicações que lhes são próprias relacionam-se com as necessidades e os usos da rua, de forma a garantir funções a tais usos. As necessidades referem-se às actividades sociais praticadas na rua, por outras palavras, são a *“função chave”* do urbanismo de Le Corbusier – *“habitar, trabalhar, recriar-se (nas horas livres), circular.”*⁵⁷

⁵⁴ *Ibidem*, p. 85.

⁵⁵ GEHL, Jan (2001) *Life between Buildings : Using Public Space*, Arkitektens Forlag, p. 9-14.

⁵⁶ FREHSE, Fraya (2009) Usos da Rua, In: *Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Edições Almedina, p. 152.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 159.

Uma defensora do direito à rua, é Jane Jacobs. Sublinha que apenas a presença de utilizadores e espectadores é suficiente para garantir a vida da rua - *“uma rua viva está cheia de observadores e utilizadores. O bom funcionamento da rua está ligado à existência, entre os transeuntes, de um certo sentimento inconsciente de solidariedade.”*⁵⁸ Considera ainda que uma rua para cumprir a sua função – atrair o transeunte e constituir um factor de segurança – deve delimitar o espaço público do espaço privado, dispor de olhos para vigiar a rua onde ainda deve ser utilizada sem interrupções.⁵⁹ Compreende-se então que rua é um dos elementos indissociáveis ao espaço público e que pode definir-se *“como um elemento morfológico linear e contínuo do espaço público da cidade, ao mesmo tempo percurso e morada, itinerário e lugar”*.⁶⁰ O seu traçado é o elemento chave da identificação da forma de uma cidade que liga os diferentes espaços e partes e, que controla a disposição dos edifícios e quarteirões.

2.2.3 O QUARTEIRÃO

*“A cidade é formada por uma parafernália de elementos especificamente urbanos (...) mas se há um elemento urbano da cidade contemporânea que se reconhece como sendo indissociavelmente de cariz urbano, é o quarteirão”*⁶¹

Alexander Torres

⁵⁸ CARVALHO, Jorge (2003) *Ordenar a Cidade*, Quarteto, p. 224.

⁵⁹ CHOAY, Françoise (1992) *O Urbanismo: Utopias e Realidades, uma Antologia*, Editora Perspectiva, p.294.

⁶⁰ COELHO, Carlos Dias (2013) *Os Elementos Urbanos*, Argumentum, p. 101.

⁶¹ TORRES, Alexander (2012) *Inside Out: O Interior Do Quarteirão Como Espaço Urbano*, p. 14. Disponível em: <http://www.livrebooks.com.br/livros/inside-out-o-interior-do-quarteirao-como-espaco-urbano-alexander-torres-osvoawaaqbaj/baixar-ebook>

O quarteirão é o elemento morfológico que separa o espaço público do espaço privado, o exterior do interior. É organizado pelas ruas que definem a estrutura, a forma do lote, que também é condicionada pela forma dos edifícios que caracterizam um modelo de quarteirão. Lamas define o quarteirão como *“um contínuo de edifícios agrupados entre si em anel, ou sistema fechado e separado dos demais; é o espaço delimitado pelo cruzamento de três ou mais vias e subdivisível em parcelas de cadastro (lotes) para construção de edifícios.”*⁶²

O sistema de quarteirões é antigo. É um processo geométrico elementar que foi conquistando *status* na concepção da cidade, como unidade morfológica. Geralmente são caracterizados por um conjunto de edifícios delimitado por quatro vias. Os que são delimitados por lotes constituem partes do quarteirão determinadas em altura, profundidade e em programa. No caso da Baixa Pombalina, o quarteirão caracteriza-se como *“um grande edifício ou grande parcela.”*⁶³ Já no Plano do Martim Moniz o quarteirão é identificado pelos lotes e pelos próprios edifícios. Dois exemplos de sistemas de quarteirão distintos, por um lado, a marcação do lote identifica-se pela delimitação do edifício, por outro, a marcação do quarteirão identifica-se como a definição do espaço urbano.

Enquanto elemento urbano, o quarteirão é incontornável na formação e desenho da cidade, resultado da forma do traçado que lhe foi imposto, mas igualmente como um instrumento determinante do traçado. Resume-se à pequena escala da habitação privada, da organização doméstica. É a função do quarteirão determinar o carácter do logradouro na forma como possibilita às

⁶² LAMAS, José M. Ressano Garcia (1993) *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 88.

⁶³ *Ibidem*.

peças viver a cidade.⁶⁴ O logradouro, ou interior do quarteirão, é constituído pelo espaço privado, o espaço não-construído, as traseiras. Lugares insalubres, escondidos, normalmente pouco acessíveis ao público, tornaram-se em espaços residuais, no qual, os seus ocupantes apropriam-se do espaço em função das suas necessidades quotidianas, sem definir um plano estratégico, para uso colectivo. É o resultado geométrico da ocupação dos lotes, onde foram ao longo das épocas ocupados por hortas ou quintais, até a oficinas, garagens ou anexos. No entanto, segundo Lamas, o logradouro não constitui como um elemento morfológico autónomo é, um complemento residual que *“não é utilizado pela habitação nem contribui para a forma dos espaços públicos.”*⁶⁵

Como elemento de constituição urbana, o quarteirão é ainda indissociável a outros elementos que o definem. A presença de edificado, ou construção é claramente imprescindível na definição do quarteirão, como as ruas, ou os traçados viários, *“sem rua não há quarteirão, mas na cidade actual, são os quarteirões que dão também sentido e uso à rua.”*⁶⁶ Um outro elemento é a sua divisão fundiária. A apropriação da cidade define um parcelamento que no seu conjunto forma os quarteirões urbanos. Desde a antiguidade clássica, e na Idade Média, até ao Modernismo da Carta de Atenas, o quarteirão como elemento urbano, resumia-se ao quarteirão tradicional. A constituição do quarteirão grego *“vai de par com a utilização da quadrícula. (...) Cada quadra corresponde ao que se poderia designar por «quarteirão». Este quarteirão é essencialmente ocupado por residências, já que o posicionamento e localização*

⁶⁴ COELHO, Carlos Dias (2013) *Os Elementos Urbanos*, Argumentum, p. 123-124

⁶⁵ LAMAS, José M. Ressano Garcia (1993) *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 98.

⁶⁶ TORRES, Alexander (2012) *Inside Out: O Interior Do Quarteirão Como Espaço Urbano*, p. 14. Disponível em: <http://www.livrebooks.com.br/livros/inside-out-o-interior-do-quarteirao-como-espaco-urbano-alexander-torres-osvoawaaqbaj/baixar-ebook>

*dos edifícios públicos é independentemente da malha geométrica.*⁶⁷ O quarteirão romano resulta também deste tipo de organização, residencial que subdivide-se em parcelas, cada uma constituída por uma *villa* ou por uma *insulae*. Em ambos os modelos, o quarteirão não possui logradouro ou hortas, como em outros casos, os espaços livres - o seu interior - corresponde a pátios, não sobrando espaços residuais. O quarteirão medieval irá apresentar modificações na sua estrutura e no posicionamento dos edifícios que o ocupam. Estes encontram-se no perímetro do quarteirão, em contacto directamente com a rua. O interior do quarteirão é assim usado para hortas ou jardins privados. A partir do Barroco, o quarteirão *“vai assumir formas, dimensões e volumes diferentes, consoante o seu posicionamento na estrutura urbana (...) como resultado intersticial ou resíduo «ocasional» dos traçados, assumindo formas irregulares”* e *“correspondendo à utilização do quarteirão como elemento morfológico-base”*⁶⁸ É um elemento de quadrícula que vai repetindo a mesma geometria e dimensão, tornando-se um elemento de formação da cidade, um sistema de três dimensões, mais complexo e figurativo.

⁶⁷ LAMAS, José M. Ressano Garcia (1993) *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, p.148.

⁶⁸ *Ibidem*, p.188.

3 CASOS DE ESTUDO

São estudados e analisados três clássicos da arquitectura, que pelas suas características, relacionam-se com a temática em estudo. Os projectos seleccionados são uma referência e uma inspiração pelas soluções arquitectónicas implementadas.

A *Villa Matteotti*, de Giancarlo de Carlo, insere-se num quarteirão de uma zona industrial em Terni. A solução urbana adoptada: as bandas paralelas entre si, compondo um quarteirão; a separação das vias viárias e pedestres, preservando assim o interior do quarteirão; e a diversidade de fogos, foram as premissas iniciais para a proposta final de projecto.

A solução construtiva, das tipologias encontrada por Zumthor na *Spittelhof Housing* para vencer o desnível acentuado no terreno enquadra-se na ideia pretendida para a área de intervenção, assim como o traçado urbano no interior do quarteirão.

Segue-se a unidade de vizinhança da *Villa Portales*. O sistema de circulações presente, atribuindo importância ao espaço público e conectando os diversos blocos habitacionais, cria uma rede de relações de carácter social, sendo igualmente uma referência.

3.1 MATTEOTTI VILLAGE, TERNI



Fig. 1
Vista parcial da
agregação das
unidades
habitacionais

O projecto da *Villa Matteotti* (1969), da autoria do arquitecto italiano Giancarlo de Carlo, consistia na projecção de novas habitações sociais numa cidade industrial em Terni, Roma. A Villa Matteotti, estruturada por habitações geminadas num bairro operário, encontrava-se num estado elevado de degradação com construções precárias.

Com o objectivo de revitalizar o lugar de intervenção, Giancarlo propõem cinco estratégias: a primeira, uma completa reestruturação da área existente; seguida de um projecto de renovação através da implementação de torres; modelos convencionais de habitação de mista densidade; sendo as duas últimas projectadas num padrão linear – a sobreposição. Apesar da desaprovação destas duas últimas propostas, foram as premissas iniciais para novos estudos. O desenvolvimento do processo deu início a uma série de encontros entre o arquitecto e os potenciais residentes. Isso permitiu a de

Carlo entender o conhecimento que estes tinham de uma definição de bairro e a importância do espaço público.⁶⁹

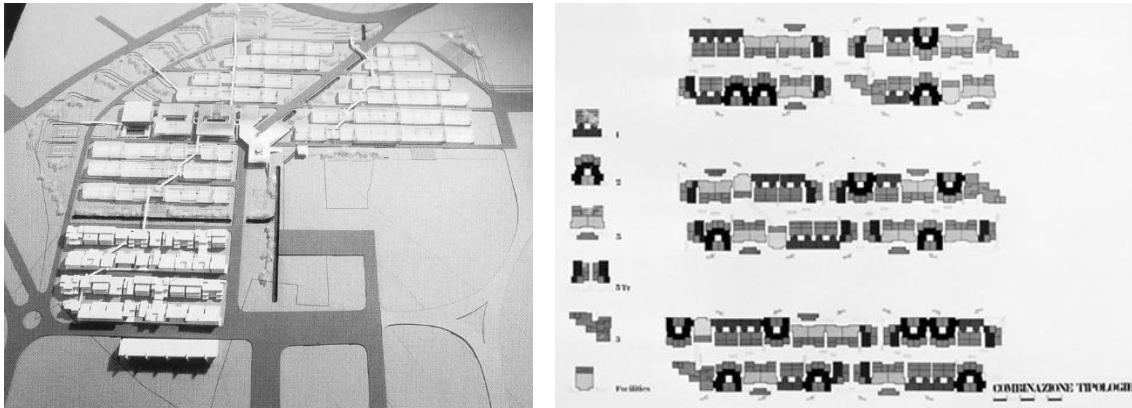


Fig. 2
Maqueta da
solução urbana e
diafragma
explicativo da
organização das

De Carlo, após a reflexão dos critérios impostos, determina alguns princípios claros: as habitações não poderiam ser superiores a três pisos e estariam directamente ligados para a rua; cada uma das habitações teria o seu próprio jardim através de terraços, sendo adoptada uma tipologia de construção – nem fragmentado, nem em bloco.⁷⁰ A fase de concepção projectual iniciou assim com a definição de bairro seguida dos primeiros estudos das diferentes tipologias habitacionais. A premissa do traçado da *Villa Matteotti* consistia na separação das vias pedestres, interior do quarteirão, e viárias, acesso ao quarteirão. Os modelos habitacionais integram-se num plano ortogonal linear de faixas paralelas, estruturadas por terraços alternadamente com jardins e vias servidoras dos lugares de estacionamento ao nível do solo. No nível superior foram projectados passeios pedestres paralelamente à rua, que percorrem os diversos terraços e ligam os quarteirões através de pontes. Nos nós onde se interligam o espaço é reservado para equipamentos públicos.

⁶⁹ ZUCCHI, Benedict (1992) *Giancarlo De Carlo*, Butterworth Architecture, p.107.

⁷⁰ VÁRIOS, Le Carré Bleu, Paris, Montpellier, p. 9-11. Disponível em:
http://www.lecarrebleu.eu/PDF_INTERACOLLEZIONELCB/FRAPN02_CARR_1978_003.pdf.

A organização espacial da habitação forma-se pela diversidade e flexibilidade. Assim, são propostas cinco tipologias, compostas por três variantes diferentes originando na totalidade quinze tipos de fogos. Os cinco modelos diferem na secção, meios-pisos, sendo organizados por um saguão interno. Em adição, cada fogo oferece ainda três alternativas de traçado no interior, o que possibilita a adaptação do espaço consoante as preferências dos próprios residentes, perfazendo quarenta e cinco hipóteses de mudança espacial.

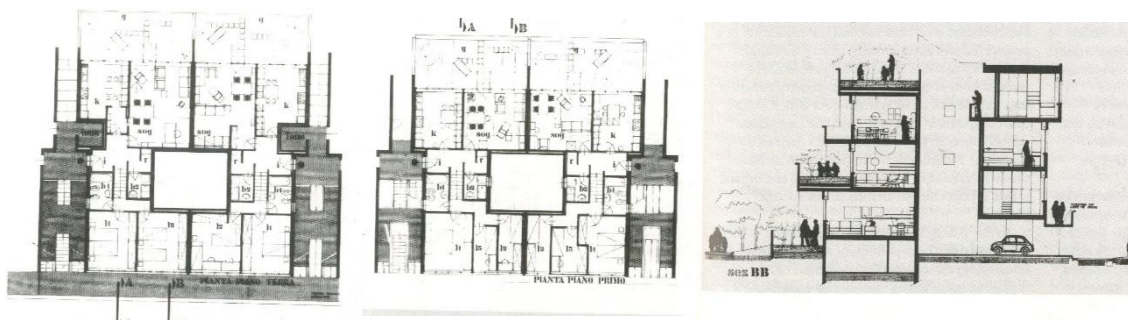


Fig. 3
Planta e corte referente à tipologia Tipo 1. As habitações são organizadas em meios-pisos, onde a área de estar e o terraço encontram-se num piso inferior em relação aos quartos.

3.2 SPITTELHOF HOUSING ESTATE, BIEL-BENKEN



Fig. 4
Alçado posterior do interior do quarteirão. É pelo interior do quarteirão que é possível aceder às habitações

Em 1969, Peter Zumthor foi responsável pela projectação de um novo complexo residencial na cidade de Biel-Benken, Suíça. O tecido urbano da vila é apresentado pelas suas habitações unifamiliares, sendo necessário a autorização do concelho da vila para a implementação de um plano residencial desta proporção. O projecto encontra-se entre a vila e uma quinta histórica – Spittelhof.

A solução arquitectónica consiste em três edifícios rectangulares paralelos às vias que circunscrevem o terreno desnivelado. A amplitude dos ângulos, que inserem a configuração dos edifícios forma um pátio no interior do quarteirão com jardins que se abrem para o histórico Spittelhof, fazendo referência à paisagem urbana de Biel-Benken. O traçado urbano no interior do quarteirão é representado por caminhos semipúblicos que servem as entradas das habitações e se conectam com a rede de caminhos da própria vila. Utilizando como referência um estábulo numa quinta, Zumthor dispõe o estacionamento no piso inferior das estruturas numa das extremidades formando um “L”. A

escolha dos materiais de construção, reproduzem também uma simplicidade rural - madeira natural e betão sem tratamento.⁷¹



A grande estrutura que marca o cimo da colina é constituída por três pisos, sendo o acesso para cada piso de habitação feito por entradas individuais a partir do interior do quarteirão. O núcleo central é o elemento que define a organização espacial do fogo. Contém as entradas para cada habitação; os acessos verticais; os corredores e todos os espaços que não precisam de luz natural, beneficiando assim, os espaços de estar e dormir dispostos ao longo das fachadas. As estruturas que seguem o desenvolvimento do terreno diferem-se pela sua estrutura interna. Uma coluna vertebral horizontal, que sobrepõem-se uma a uma ao longo do edifício - solução que Zumthor implementa para vencer os desníveis acentuados no terreno.

Fig. 5
Planta da solução
urbana e projectual

⁷¹ ZUMTHOR, Peter (2009) *Peter Zumthor: Buildings and Projects 1986-2007*, Lisboa, Experimenta Design, p. 31.

3.3 UNIDADE DE VIZINHAÇA, PORTALES, CHILE



Fig. 6
Vista parcial do
conjunto habitacional

A história da unidade de vizinhança de Portales (1954) nasceu num contexto político e institucional. Durante os anos cinquenta, Chile encontrava-se em pleno processo de modernização. Este processo tinha como propósito o desenvolvimento social - a educação e o trabalho especializado. Com efeito, era necessário um projecto de arquitectura e urbanismo que sustenta-se e retracta-se essas intenções, no âmbito de um projecto social da entidade de *Caja de Previsión de Empleados Particulares*.⁷²

A *Villa* de Portales é produto de um longo e complexo processo de desenho, no qual surgiram diversos desafios. Muitos desses desafios foram resultado das condições externas, em contexto político, social e cultural. Igualmente o compromisso de responder tecnicamente ao departamento da *Caja* e à

⁷² VÁRIOS (2011) *Arquitectura , Identidad Y Patrimonio*, Santiago de Chile, p. 19.

Universidade Técnica do Estado, além da obrigação de cumprir com as normas legais na construção de habitações económicas.

Os princípios da Carta de Atenas (1943) estiveram presentes na fase de concepção. Neste contexto, os arquitectos responsáveis: Carlos Bresciani, Héctor Valdés, Fernando Castillo e Carlos Huidobro definem a organização do projecto e a sua relação com a cidade, em quatro funções urbanas: habitar, recriar, circular e trabalhar. O plano urbano é definido por conjuntos habitacionais de grande escala, grandes áreas verdes e passerelles elevadas, que segundo os pensamentos de *Le Corbusier*, evitariam as intersecções de ruas, esses “inimigos da circulação” de forma a “*libertar as cidades da tirania das ruas*”.⁷³

O projecto da unidade da *Villa Portales* compreendia assim, 23 blocos de habitação colectiva de 5, 6 e 7 pisos; 306 habitações unifamiliares de 1 e 2 pisos; escolas básicas; um mercado e um centro cívico. O desnível presente entre os sectores oriente e o poente do terreno permitia que o projecto fosse executado sem transgredir a Lei *Pereira*, segundo no qual um edifício de habitações económicas não poderia ultrapassar os 5 pisos. Com o propósito de construir mais pisos os arquitectos estabeleceram que os pisos de referência seriam na metade do conjunto habitacional. Deste modo, desde o ponto médio da Av. *Las Encinas* surge um circuito de circulações elevadas – as passerelles – que cruza todo o sector ocidental da obra, de forma a justificar a construção de um edifício de sete pisos.

Este sistema de circulações, muito característico da *Villa Portales*, é mais que um elemento funcional. Os habitantes não só recorriam deste meio para

⁷³ *Ibidem*, p. 39.

trespassar o interior dos edifícios, como constituíam um passeio que conecta os diferentes blocos entre si; um lugar de apreciação da paisagem circundante, de vivências sociais e de actividades, sendo um elemento que identifica a Vila *Portales* como um conjunto único.



Fig. 7
Vista dos sistemas de
circulações presentes
no conjunto
habitacional

4 MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJECTO

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E ANÁLISE DO LUGAR DE INTERVENÇÃO: MARVILA

“Marvila apresenta-se ao breve olhar como um território inóspito, desconexo, descontínuo. Ao olhar semi-cerrado, revela-se fluída, cheia de altos e baixos, de coloridos e contrastes. Ao olhar atento, revela-se muitas.”⁷⁴



Fig. 8
Fotografia aérea da
área urbana de Marvila

A freguesia de Marvila (1959), pertencente à zona oriental como um dos bairros mais típicos da cidade de Lisboa, caracteriza-se pelos *“conflitos sociais, pela miscigenação de usos e formas urbanísticas”⁷⁵* devido aos contrastes presentes entre uma frente ribeirinha caracteristicamente industrial - Marvila - as discontinuidades na estrutura urbana de Chelas e a nova urbanização do Parque das Nações. Apresenta-se, ainda, como o território fundamentalmente rural na produção agrícola, visível na conformação dos tecidos urbanos, mesmo após a implementação do Plano de Urbanização.

As quintas e as casas senhoriais, são uma constante em Marvila, característica pela presença de olivais, hortas e vinhedos. No entanto, o surgimento da linha de caminho-de-ferro e igualmente, o novo Plano de Urbanização, contribuíram

⁷⁴ VÁRIOS (2002) *Lisboa Capital Do Nada Marvila, 2001: Criar, Debater, Intervir No Espaço Público*, Extramuros, Associação Cultural para a Cidade, p. 23.

⁷⁵ MORGADO, Sofia (2005) *Lisboa, um Território em Formação*, Lisboa, Caleidoscópio, p. 83.

para a fragmentação de algumas propriedades da nobreza. A chegada da cintura férrea foi determinante para a implantação das primeiras indústrias, como a instalação da Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata e a Abel Pereira da Fonseca.⁷⁶ O processo de industrialização veio trazer profundas alterações na configuração da cidade de Lisboa pela forma como a estruturação do espaço se desenvolveu e transformou. É possível observar-se esse desenvolvimento, através da cartografia histórica disponível, que estas novas urbanizações vieram fragmentar substancialmente a paisagem urbana de Marvila. Na planta de Silva Pinto (1911), observa-se um território rural e senhorial. Mas a frente ribeirinha representa já um processo de urbanização, de base industrial, como se pode visualizar na planta militar (1950), a expansão e o desenvolvimento urbano das actividades industriais. Devido ao desenvolvimento da conformação da cidade e da sua estrutura morfológica nos tecidos urbanos, são implementadas novas infraestruturas como o caminho-de-ferro ou a Avenida D. Infante Henrique, visíveis na actualidade. São dominantes no seu carácter visual pela sua continuidade formal e pela sua impenetrabilidade e, apesar de fragmentarem o tecido urbano, funcionam como uma costura de união para outras periferias.

Fig. 9
Cartografia
histórica.
Esquerda: Planta
de Silva Pinto
(1904-1911);
Centro: Planta de
Serviços
Cartográficos do
Exercito (1950);
Direita:
Ortofotomapa
Actual



⁷⁶ Ibidem, p. 107.

Olhando para Marvila, podemos dizer que grande parte da malha urbana é desmembrada pela presença de limites e obstáculos, pela formação de espaços baldios e residuais juntamente com abarracados, originados pela implementação de vias rápidas bem como de ocupação urbana edificada. A sua identidade ainda permanece. Os vários ciclos de desenvolvimento industrial resultaram numa diversidade de tecidos urbanos, o que torna Marvila tão característica. No entanto, a sua estrutura urbana permanece fragmentada, parecendo confinada a uma descontinuidade permanente.

4.2 ESTRATÉGIAS DE REQUALIFICAÇÃO: MARVILA VELHA-NORTE

No lugar de intervenção verifica-se a constante presença de vazios urbanos. Como se analisou anteriormente, o processo de industrialização e as novas actividades que lhe são decorrentes, bem como a implementação de novas infraestruturas vieram acentuar o aparecimento dos espaços vazios. Marvila Velha-Norte é igualmente caracterizada pelos seus espaços em branco. É notória a presença de espaços urbanos obsoletos destituído das suas actividades iniciais, originando em espaços e edifícios degradados e marginalizados por falta de estratégias de requalificação. Espaços esses, que continuam inactivos. Pretende-se através de uma solução projectual a apropriação destes vazios urbanos, revertendo estes espaços inúteis em úteis, espaços activos, passíveis de estabelecer novas relações com a envolvente urbana, transformando Marvila numa nova centralidade urbana.

Devido aos diversos desenvolvimentos e transformações urbanas, é visível uma diversidade de estruturas urbanas: industriais, urbanas e rurais. A área de

intervenção engloba essa diversidade. Os quarteirões delimitados pela Rua do Açúcar e a Rua Pereira Henriques diferem-se pela multiplicidade que os envolve. No lado mais a Sul, observamos um quarteirão de carácter mais industrial, composto por edifícios nave e actividades industriais e fabris. O lado Norte é constituído por edifícios habitacionais e actividades agrícolas, envolventes numa estrutura de carácter mais urbano. Pretende-se então através de um novo traçado urbano comutar essas diferenças, mas preservando a sua identidade e memória.

Propõe-se como vazio, no “quarteirão industrial” a reabilitação do espaço interior desaproveitado contíguo às “naves” industriais, atribuindo ao espaço público uma nova centralidade passível de estabelecer relações de carácter social e colectivo. Consequentemente, propõe-se como matéria, uma



Fig. 10
Enquadramento
Urbano da Proposta

reconversão de usos nas “naves”, para espaços de Coworking, Startups, ou até mesmo aluguer de estúdios como acontece no Nirvana’s Studio em Queluz. Ao longo do edificado, uma infraestrutura pedonal, de forma a existir uma ligação entre a Rua de Marvila e a Rua do Açúcar, e conferir uma certa luminosidade para o interior, pois entende-se que devido ao comprimento das mesmas é uma falta a ter em consideração. As restantes “naves”, situadas na proximidade da Rua do Açúcar, serão de carácter mais público, como comércio, serviços, e um mercado, apoiados por uma praça interior pública.

No quarteirão de carácter mais urbano e rural, propõe-se a demolição dos edifícios habitacionais e estruturas que compõe a fachada adjacente à Rua Pereira Henriques. Entende-se que com a nova morfologia de habitações unifamiliares em banda, que se orientam segundo os edifícios nave contíguos, estes geram uma ligação visual entre os quarteirões, de forma, que ainda indirecta, concedam uma ligação entre os dois quarteirões, atribuindo assim, um sentido de continuidade e articulação ao tecido urbano.

4.3 SOLUÇÃO URBANA E PROJECTUAL

A solução projectual a desenvolver insere-se no quarteirão urbano e rural. Entende-se que o interior do quarteirão é um espaço, por vezes segregado dos edifícios que o envolvem. O quarteirão em estudo, caracteriza-se por em espaço abandonado, de apropriações clandestinas, onde as estruturas espontâneas e os abarracados parecem subsistir no interior do quarteirão, assim como, a existência de hortas de carácter formal e informal. O edificado que circunscreve o “miolo” encontra-se parcialmente degradado. Os edifícios que compõe a fachada adjacente à Rua Pereira Henriques são os mais afectados. Pretende-se através de um novo plano projectual e arquitectónico

requalificar o espaço, de forma a potencializar o interior do quarteirão. Procura-se atribuir novas formas de habitar o espaço, devolvendo ao lugar a sua identidade e memória, aliadas a um sentido comunitário de dinâmicas sociais e humanas.

O quarteirão é ainda definido pelas frentes edificadas, pelo ladeamento de ruas e, pelo loteamento, no qual se pode classificar de um quarteirão de cariz tradicional. No entanto, entende-se que ao designar uma nova solução arquitectónica de revitalização do quarteirão em estudo, é necessário romper com uma das frentes edificadas. Percebe-se que na condição que se encontra a frente que segue a Rua Pereira Henriques, a sua recuperação não é favorável para a nova proposta de edificado. Entende-se ainda, que a frente edificada é privada de exposição solar ao longo do dia pelo corpo dos edifícios nave, assim como, a relação visual que têm com a envolvente é igualmente comprometida e pouco benéfica para a habitabilidade do próprio espaço.

A solução que se propõe consiste em novas habitações unifamiliares, em banda, que seguem a “pegada” imposta pelas “naves” industriais, o que permite uma continuidade e articulação mais coerente e integrante no tecido urbano. O traçado urbano do quarteirão é reinventado e, consiste na separação das vias pedestres, das vias viárias. As ruas que são acessíveis à circulação de automóveis, correspondem permanentemente à fachada frontal do conjunto habitacional. São as ruas que acedem ao estacionamento implementado no piso ao nível da rua e igualmente dão acesso à entrada das diferentes unidades habitacionais. À fachada posterior associa-se um espaço público de cariz mais pedestre e social, passível de estabelecer relações e actividades colectivas.

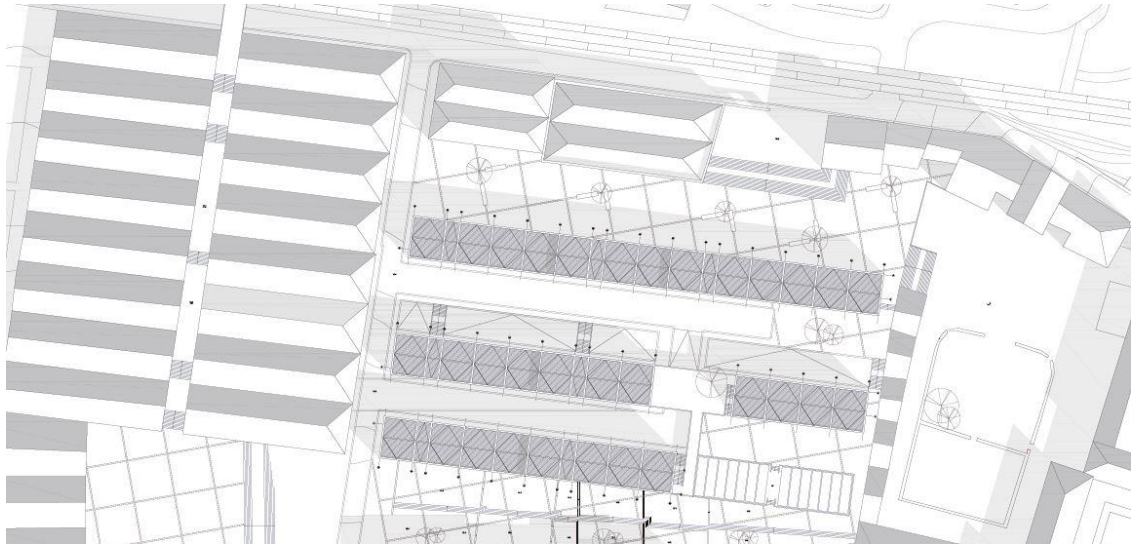


Fig. 11
Implementação da
Solução Urbana com
a Envolvente

O espaço público foi traçado com a intenção de ser um espaço onde se possam desenvolver actividades sociais de um sentido comunitário, sendo ainda pensados de forma a acompanhar as diferentes cotas, e minimizar eventuais alterações na topografia do terreno que se intervêm. O traçado do espaço público difere ao longo da área em estudo, consoantes os seus desníveis e características que são próprias do espaço. O espaço que abrange uma maior área confinada pelos dois conjuntos habitacionais, que se diferem pela sua orientação morfológica, acompanha duas diretrizes. Os dois conjuntos localizam-se a uma diferença de nível de cinco metros, pelo que a solução imposta necessita de acompanhar a estrutura. Por um lado, temos um conjunto que se situa à cota mais elevada e que se implementa num terreno nivelado, por outro, temos um conjunto que se localiza a uma cota mais baixa que acompanha o desnivelamento do terreno. Consequentemente, o espaço público é desenhado a comutar estas diferenças de cotas, funcionando em patamares que vão estreitando à medida que se eleva e que simultaneamente acompanham os dois conjuntos. Relaciona-se ainda de uma forma visual com o espaço público adjacente ao quarteirão constituído pelos edifícios industriais. O espaço é ainda constituído por espaços verdes e mobiliário

urbano, pois não se pretende que seja apenas um lugar de passagem, mas um lugar onde se possa implementar e praticar as actividades já anteriormente mencionadas por Jan Gehl. Uma vez que, a morfologia do espaço público é mais aberto e convidativo para outros transeuntes, que não apenas os indivíduos que habitam o interior do quarteirão, não transforma necessariamente o espaço num lugar suscetível a actos marginais ou transmita um factor de insegurança. O facto de existir habitação ao nível da rua, o factor de segurança é imposto pelo olhar atento e vigilante dos moradores, onde o espaço é controlado e observado, como acontece nas ruas de Alfama, uma vez que a rua “pertence” aos moradores. É ainda projectado um outro espaço público que se encontra entre um outro conjunto habitacional e o edifício da Vila Pereira. Iguamente o espaço desenhado acompanha o desnível do terreno, mas de uma forma mais imperceptível, e serve ainda de apoio ao espaço comercial que é proposto na Vila Pereira.

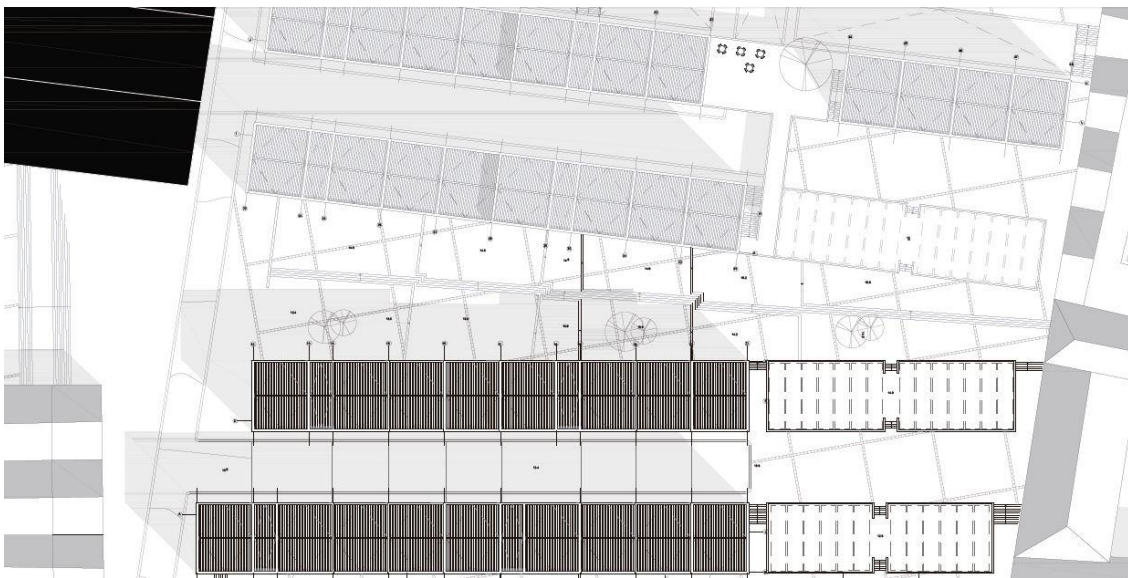


Fig. 12
Solução
implementada para o
espaço público e as
suas relações visuais

São propostos espaços comerciais que apoiam todo o edificado. Um dos espaços situa-se no momento em que ocorre uma pausa – vazio - no contínuo do conjunto habitacional. Esta interrupção ocorre pela existência de uma árvore de grande porte, entende-se que este elemento destaca-se no interior

do quarteirão e como tal pode ser preservado. Tal como o arquitecto Fernando Távora, na Quinta da Conceição, e Siza Vieira na requalificação do Jardim da Rotundo da Boavista, o elemento construtivo é parcialmente interrompido intencionalmente, para dar lugar ao elemento já existente – árvore. Apesar de o contexto ser diferente, a descontinuidade das unidades

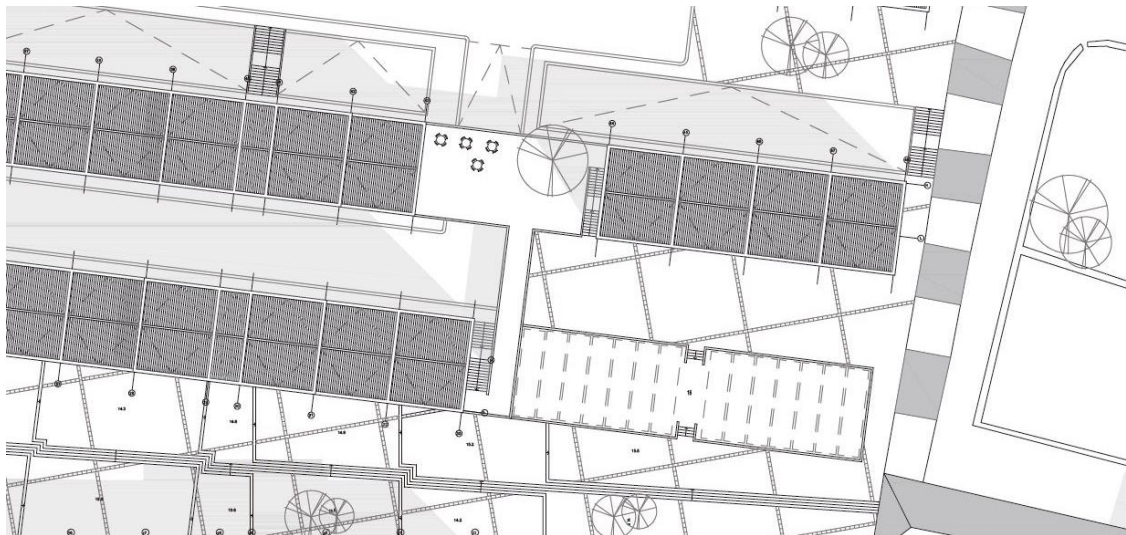


Fig. 13
Planta
demonstrativa do
“vazio” que dá
lugar ao “cheio”

habitacionais pretende igualmente dar lugar à permanência deste elemento. Juntamente nesta pausa é projectada uma plataforma elevada, circunscrevendo a árvore, que apoia as actividades exercidas pelos dois espaços comerciais propostos. Estas novas componentes localizam-se no nível superior em relação à rua envolvida pelo cheio do edificado, o que torna o espaço livre de inconvenientes causados pelas acções características da rua que é acessível a veículos. No edifício da Vila Pereira é projectado, numa divisão que se encontra inactiva, um outro espaço comercial que também ele é apoiado por um espaço público qualificado. Ainda na Vila Pereira, uma outra divisão foi adaptada de maneira a ser possível aceder ao interior do quarteirão desde a Rua do Açúcar.

Outro elemento que foi preservado, foram as hortas urbanas. Como foi referido anteriormente, Marvila é caracterizada ao longo da sua história pela presença de quintas, vinhedos, azinhagas e hortas. Uma vez que foi proposto um novo traçado urbano a estrutura inicial das hortas urbanas foi igualmente redesenhada. A estrutura inicial marcava uma extensa área do interior do quarteirão, no qual percebe-se que com a nova morfologia, a sua estrutura não se enquadra no contexto do traçado urbano. Para efeito, é necessário que o novo parcelamento das hortas se integre na paisagem urbana. Assim a estrutura é mais compartimentada e segue a mesma orientação que a estrutura das unidades habitacionais, sendo implementada ao longo do terreno desnivelado em plataformas superficialmente elevadas em relação ao espaço envolvente. As actividades alusivas à produção agrícola são apoiadas pelos edifícios vizinhos já existentes, que delimitam o espaço do Convento do Asilo dos Velhos e as hortas urbanas.

No lado oeste da Rua Pereira Henriques encontra-se um edifício emblemático em ruínas. A fachada é o único elemento que delimita e define o exterior de o interior do quarteirão. Pretende-se reabilitar esta fachada reavendo a sua memória e a sua estrutura inicial, propondo um edifício que sirva a comunidade presente nos diversos quarteirões. O interior do edifício multiusos funciona como uma segunda pela em relação à fachada exterior, onde se projecta uma estrutura metálica porticada que possa assegurar as actividades decorrentes do espaço. Designa-se para este edifício, salas de estudo e de actividades lúdicas, espaços destinados para workshops e uma pequena biblioteca. As práticas exercidas são ainda apoiadas por instalações sanitárias e por uma cafetaria que relaciona-se ainda com o espaço público exterior, e que o mesmo, funciona como um ingresso ao espaço multiusos.

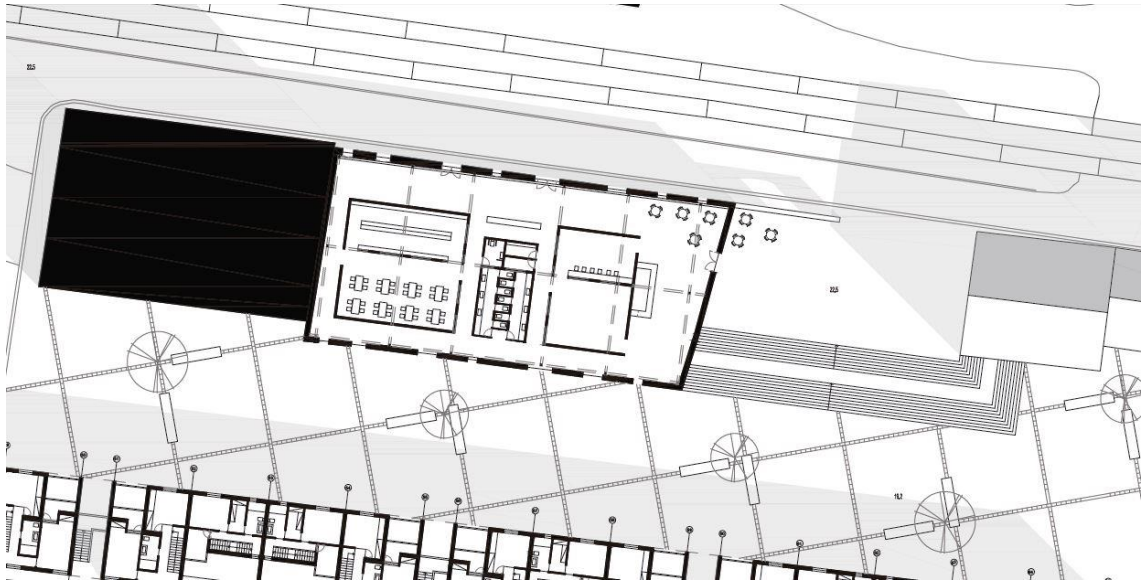


Fig. 14
Planta do
equipamento
multiusos proposto
na Rua Pereira
Henriques

4.3.1 AS UNIDADES HABITACIONAIS

O território em estudo onde se inserem as unidades habitacionais, assenta numa topografia desnivelada. Desde a Rua do Açúcar até à Rua Pereira Henriques o desnivelamento do quarteirão perfaz dezoitos metros, pelo que a implantação das unidades habitacionais acompanha esse mesmo desnível ao longo de toda a área. São projectados cinco conjuntos habitacionais que se orientam segundo os edifícios industriais e vencem o desnivelamento acentuado, implementados a diferentes cotas. O seu assentamento difere igualmente. Três dos conjuntos habitacionais assentam num terreno nivelado, os outros dois acompanham na sua longitude o terreno inclinado como uma coluna vertebral.

O conjunto habitacional alberga quarenta e oito unidades habitacionais e são distribuídas alternadamente ao longo da estrutura. Estes corpos edificados são constituídos por habitações unifamiliares de tipologia T4 e T3. A cada tipologia T4 é correspondido ao piso referente do nível do solo três lugares de

estacionamento, assim como, três arrecadações que servem as restantes habitações. O estacionamento é ainda fechado por um gradeamento visualmente permeável, no qual cada lugar de estacionamento e arrecadação será atribuída a uma unidade habitacional. A tipologia T4 funciona agrupada, uma vez que a distribuição de acesso é feita em esquerdo/direito. A sua distribuição espacial é concebida em quatro pisos: o piso térreo destinado ao estacionamento e arrumos; o piso seguinte é o plano referente à entrada da habitação constituído por espaços servidores como a cozinha, arrumos e a sala de estar e jantar, é também adicionado um terraço de triplo pé-direito que devido à sua ampla dimensão é possível apoiar actividades quotidianas; os pisos superiores são compostos por quatro quartos e duas instalações sanitárias. Na tipologia T3 o acesso é feito ao nível da rua através de um pátio. O piso da habitação, ao nível térreo, encontra-se ligeiramente mais elevado relativamente ao pátio, pensado para acompanhar o desnivelamento do terreno ao qual está inserido. É composto pela cozinha, que têm uma ligação mais directa com o pátio, a sala de estar e jantar. O piso superior é composto por dois quartos e duas instalações sanitárias. A tipologia é completa pelo último piso, onde se encontra o quarto de maior dimensão, um closet e uma instalação sanitária.

O desenho da fachada tem como inspiração os projectos dos conjuntos habitacionais da Unidade de Portales e de Spittelhof, onde a linguagem morfológica pretende ser simples. Opta-se por elementos construtivos tradicionais, como a estrutura em betão armado e, as paredes que produzem o espaço interior da habitação, em tijolo perfurado revestido a reboca pintado. No revestimento exterior pretende-se atribuir uma linguagem de carácter simultaneamente rural e industrial. Assim as paredes exteriores serão

compostas por placas de betão sem tratamento, para os vãos, as caixilharias serão de metal e as portadas deslizantes de madeira natural, de modo a reproduzir uma simplicidade rural.



Fig. 15
Esquema de Plantas
de três níveis de
habitação, referentes
às tipologias T4 e T3

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que um espaço devoluto presente na cidade tem a capacidade de influenciar a sua estrutura urbana, fragmentando e descontinuando o espaço. No entanto, estes lugares inúteis podem ser um instrumento impulsionador de revitalização urbana. Se anteriormente funcionavam como um obstáculo, através da definição de estratégias de requalificação é possível transformar o espaço num sistema de articulações pertencentes à cidade.

Marvila ainda apresenta-se como um território marginal, descontinuado. Entre dois centros bastante consolidados e ricos em infraestruturas, Marvila parece confinada a uma área permanentemente esquecida. Mas se for olhada e pensada como um território potencializador de um palco de acontecimentos é possível transformar Marvila numa nova centralidade urbana na cidade de Lisboa. O que acontece é que Marvila possui estes lugares em espera, e como tal têm a capacidade de receber e adaptar-se a infraestruturas e estratégias que lhe sejam impostas. O que não acontece em outras superfícies mais consolidadas. Portanto é necessário considerar o território de Marvila como a promessa de um futuro.

Sendo a arquitectura uma ferramenta ligada ao acto de habitar, têm a capacidade de transformar o espaço num lugar possível de receber tais acções. Cabe ao arquitecto saber interpretar e compreender a potencialidade destes espaços residuais. Foi possível compreender com a experiência do exercício em prática no contexto académico que através de uma solução arquitectónica, adequada à problemática em causa, e de um programa e

estratégias estudadas e definidas é possível transformar um espaço considerado negativo num espaço positivo.

É, pois, possível conceder uma identidade e um propósito a cada vazio, pois têm o direito de oferecer vida, algo mais que não apenas um sentimento negativo e de rejeição. O direito de serem uma parte integrante da cidade. Se não for oferecida a oportunidade de se afirmarem como lugares essenciais e activos no papel de uma cidade, estes vazios acabam confinados a um futuro incerto e que comprometem o direito à cidade.

Total de palavras: 10.366

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

AGUIAR, Douglas & NETTO (2012). *Vinicius, Urbanidades*, Folio Digital: Letra e Imagem, Rio de Janeiro.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (2000). *Quid tum? O combate da arte em Leon Batista Alberti*. Belo Horizonte.

CARR, Stephen (1992). *Public Space*, Cambridge University Press.

CARVALHO, Jorge (2003). *Ordenar a Cidade*, Quarteto.

CHOAY, Françoise (1992). *O Urbanismo: Utopias e Realidades, uma Antologia*, Editora Perspectiva.

CHRISTOPHER, Alexander (1977). *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*, Oxford University Press.

COELHO, Carlos Dias (2013). *Os Elementos Urbanos*, Argumentum.

DORON, Gil M. (2000). *The Dead Zone and the Architecture of Transgression*, City 4, no. 2.

FORTUNA, Carlos & LEITE, Rogério Proença (2009). *Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Edições Almedina.

GEHL, Jan (2001). *Life between Buildings: Using Public Space*, Arkitektens Forlag.

JACOBS, Jane (2000). *Morte e Vida das Grandes Cidades*, Martins Fontes.

LAMAS, José M. Ressano Garcia (1993). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian.

LYNCH, Kevin (2005). *Echar a perder: un análisis del deterioro*, Barcelona, Gustavo Gili.

MAGALHÃES, Sérgio Ferraz (2007). *A Cidade na Incerteza: Ruptura e Contigüidade em Urbanismo*, Viana Mosley.

MORGADO, Sofia (2005). *Lisboa, um Território em Formação*, Caleidoscópio, Lisboa.

ROSSI, Aldo (1977). *A Arquitectura da Cidade*, Cosmos.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de (2002). *Territórios*, Gustavo Gili, Barcelona.

TÁVORA, Fernando (1982) *Da Organização do espaço*, ed. ESBAP.

VÁRIOS (2011). *Arquitectura, Identidad Y Patrimonio*, Santiago de Chile.

VÁRIOS (2002). *Lisboa Capital Do Nada Marvila, 2001: Criar, Debater, Intervir No Espaço Público*, Extramuros, Associação Cultural para a Cidade.

VÁRIOS (2007) *Vazios Urbanos – Trienal da Arquitectura*, Caleidoscópio, Lisboa.

ZUCCHI, Benedict (1992). *Giancarlo De Carlo*, Butterworth Architecture.

ZUMTHOR, Peter (2009). *Peter Zumthor: Buildings and Projects 1986-2007*, Lisboa.

ARTIGOS

DUARTE, Rui Barreiros, *Vazios Úteis*, In: *Actas do Seminários Estudos Urbanos: Vazios Úteis*, ISCTE, 2007.

GUERREIRO, Maria Rosália, *Interstícios Urbanos e o Conceito de Espaço Exterior Positivo*, ISCTE-IUL, 2008.

ORUM, Anthony & NEAL, Zachary, *Common Ground? Readings and Reflections on Public Space*, Routledge, 2010.

PEDRO, Jorge, *Vazios Úteis – Cerzir a Cidade*, In: *Actas do Seminários Estudos Urbanos: Vazios Úteis*, ISCTE, 2007.

RODRIGUES, Ana Cabral, *A Politização do Vazio*, In: *Actas do Seminários Estudos Urbanos: Vazios Úteis*, ISCTE, 2007.

SISTI, Cláudia, *Superfície Activa*, In: *Actas do Seminários Estudos Urbanos: Vazios Úteis*, ISCTE, 2007.

DOCUMENTOS ONLINE

JANEIRO, Pedro António, “{CHEIOS INÚTEIS}”, 2007. Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1488/1/Pedro%20Janeiro.pdf> >.

MENDONÇA, Adalton da Motta, *Vazios Industriais: Ensaio sobre Friches Sociais*, 2001. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/869>

MILHEIRO, Ana Vaz, *Um Coração Vazio Ou Cheio*, 2007. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/jornal/um-coracao-vazio-ou-cheio-217330>.

TORRES, Alexander, *Inside Out: O Interior Do Quarteirão Como Espaço Urbano*, 2012. Disponível em: <http://www.livrebooks.com.br/livros/inside-out-o-interior-do-quarteirao-como-espaco-urbano-alexander-torres-osvoawaaqbaj/baixar-ebook>

VÁRIOS, *Le Carré Bleu*, Paris, Montpellier. Disponível em: http://www.lecarrebleu.eu/PDF_INTERACOLLEZIONELCB/FRAPN02_CARR_1978_003.pdf

WIGLEY, Mark, *Void Set - Trienal de Arquitectura de Lisboa*, 2007. Disponível em: <http://trienal.blogs.sapo.pt/13385.html>

ANEXOS

ANEXO I – PAINÉIS DE DESENHO URBANO E PROJECTUAL

Painel 1 – Análise do Sítio. Escala 1:2500

Painel 2 – Planta de Contexto da Solução Urbana. Escala 1:100 e 1:500

Painel 3 – Desenho Urbano. Escala 1:500

Painel 4 – Desenho Urbano. Escala 1:500

Painel 5 – Desenho Urbano. Escala 1:500

Painel 6 – Desenho Urbano. Escala 1:200

Painel 8 – Desenho Urbano. Escala 1:200

Painel 9 – Desenho Urbano. Escala 1:200

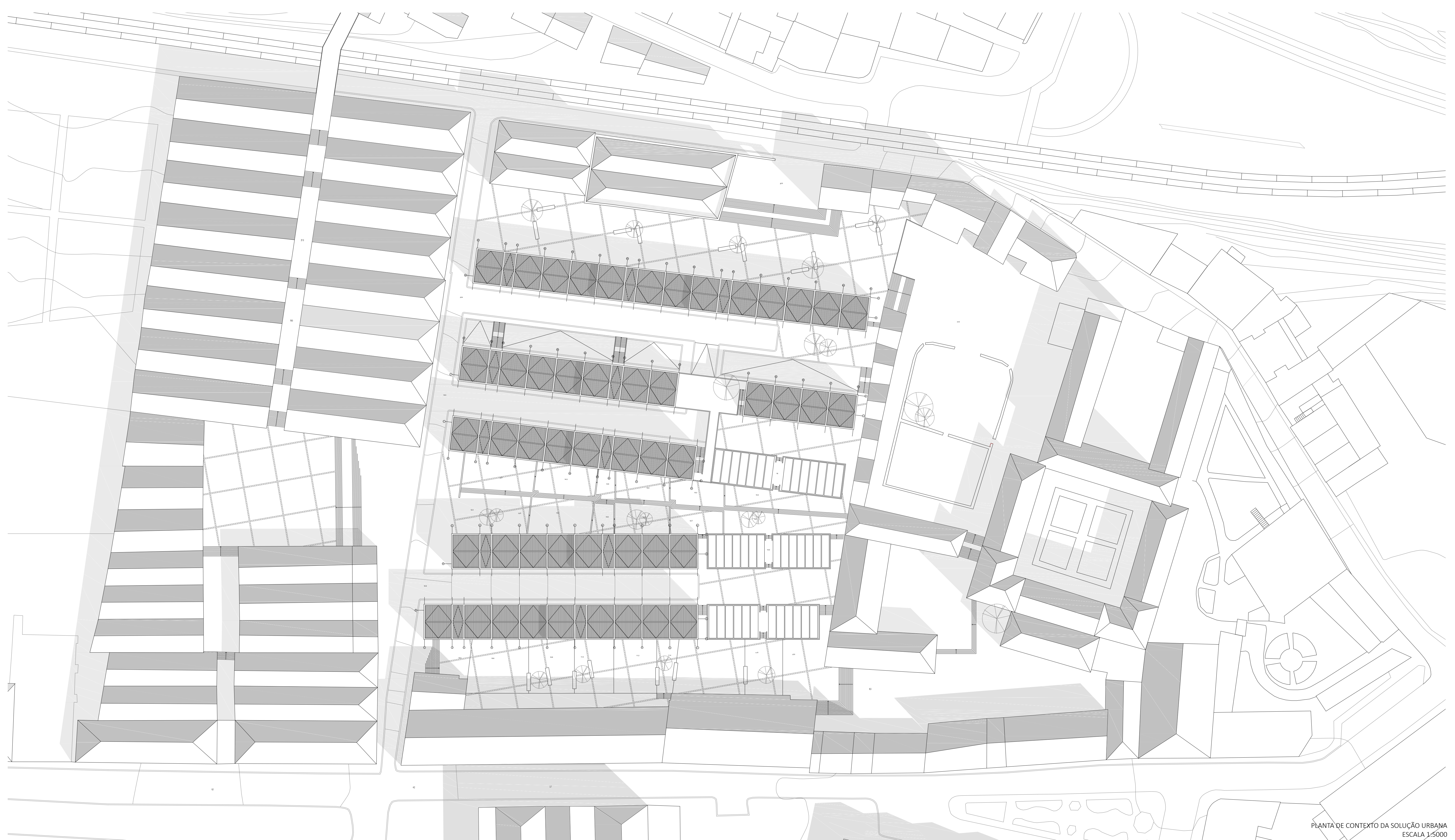
Painel 10 – Desenho Urbano. Escala 1:200

Painel 11 – Detalhe Construtivo. Escala 1:50

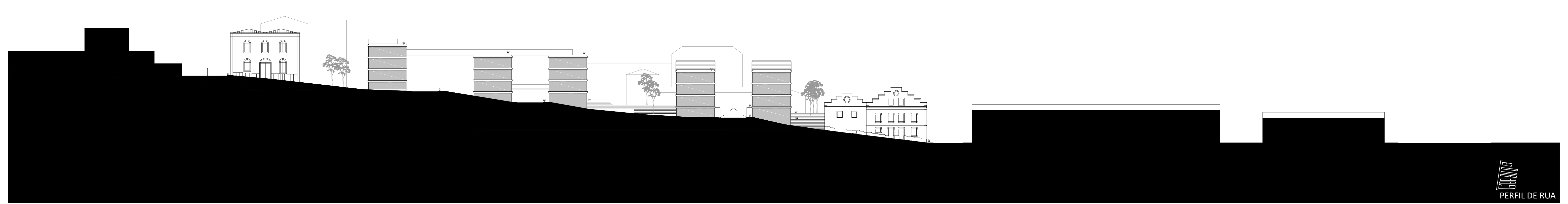
Painel 12 – Detalhe Construtivo. Escala 1:50 e 1:20



PLANTA DE CONTEXTO DA SOLUÇÃO URBANA
ESCALA 1:1000



PLANTA DE CONTEXTO DA SOLUÇÃO URBANA
ESCALA 1:500





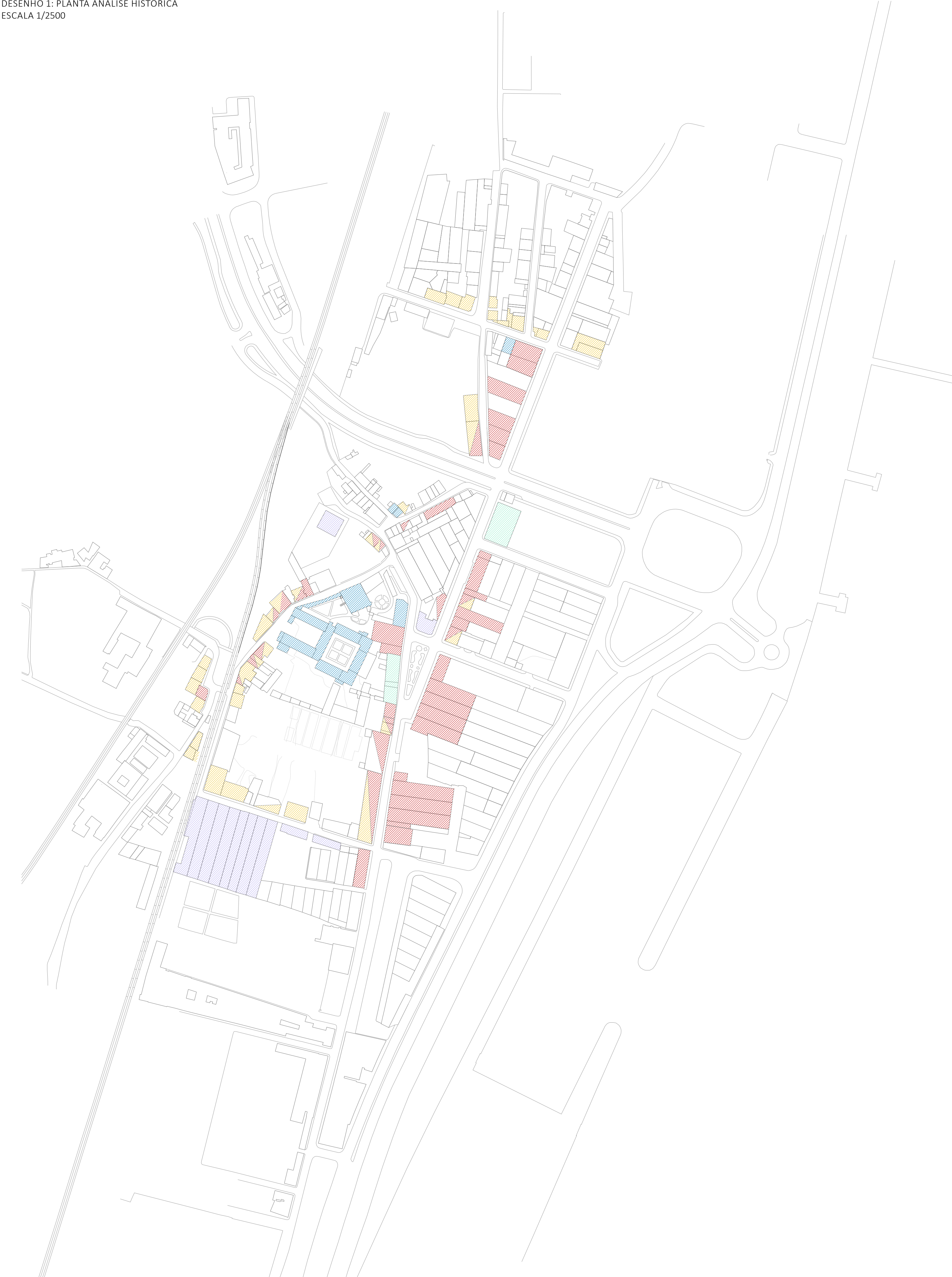
SILVA PINTO (1904/1911) ■ SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO (1950) ■ ACTUAL ■ ESTRUTURAS DE VIZINHANÇA —

DESENHO 1: PLANTA ANÁLISE HISTÓRICA
 ESCALA 1/2500



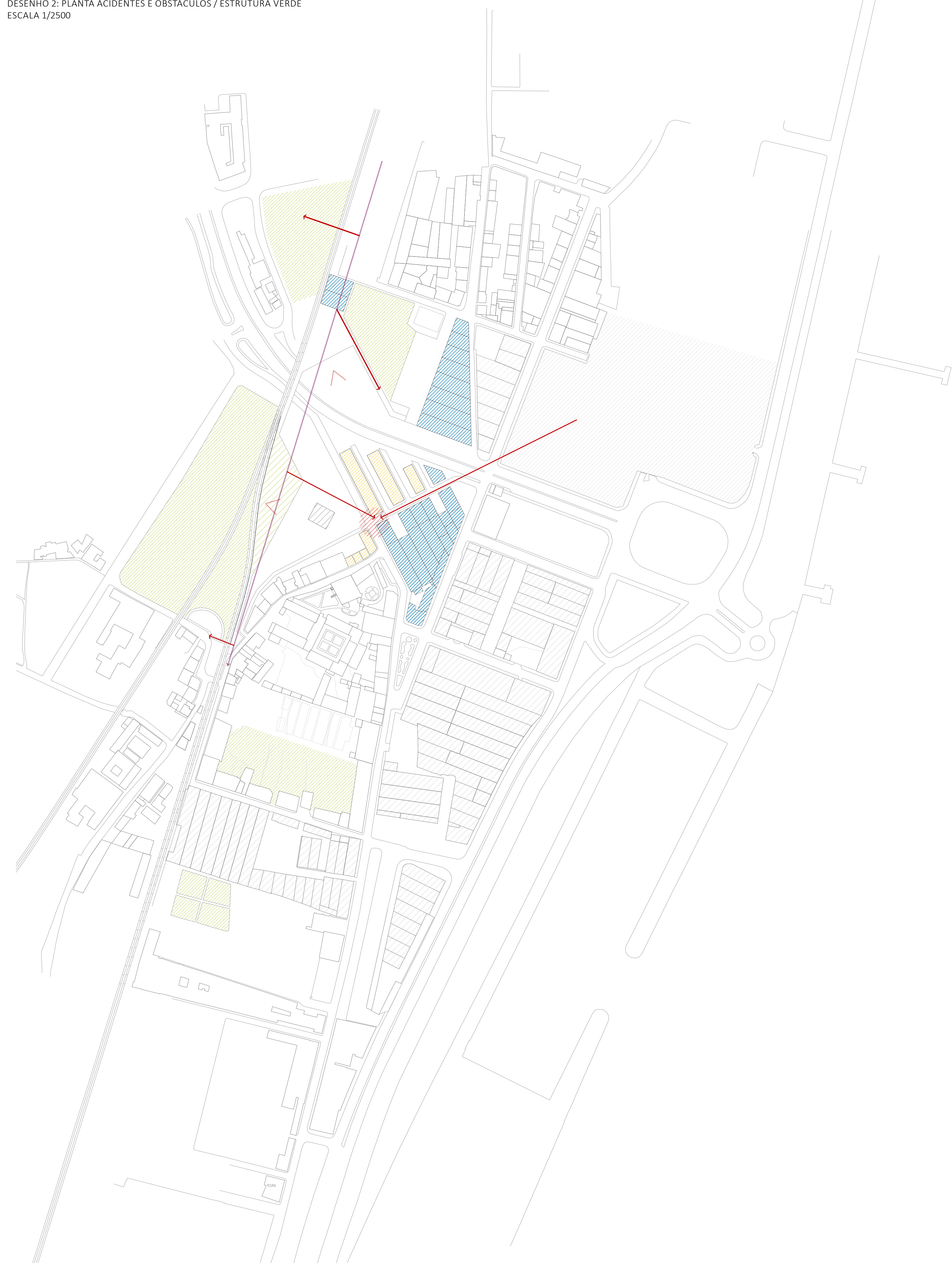
■ EDIFICADO ■ VERDE FORMAL ■ VERDE INFORMAL ■ VERDES PONTUAIS — ACIDENTE CONSTRUÍDO ACIDENTE NATURAL < PONTOS DE VISTA DE INTERESSE

DESENHO 2: PLANTA ACIDENTES E OBSTÁCULOS / ESTRUTURA VERDE
 ESCALA 1/2500



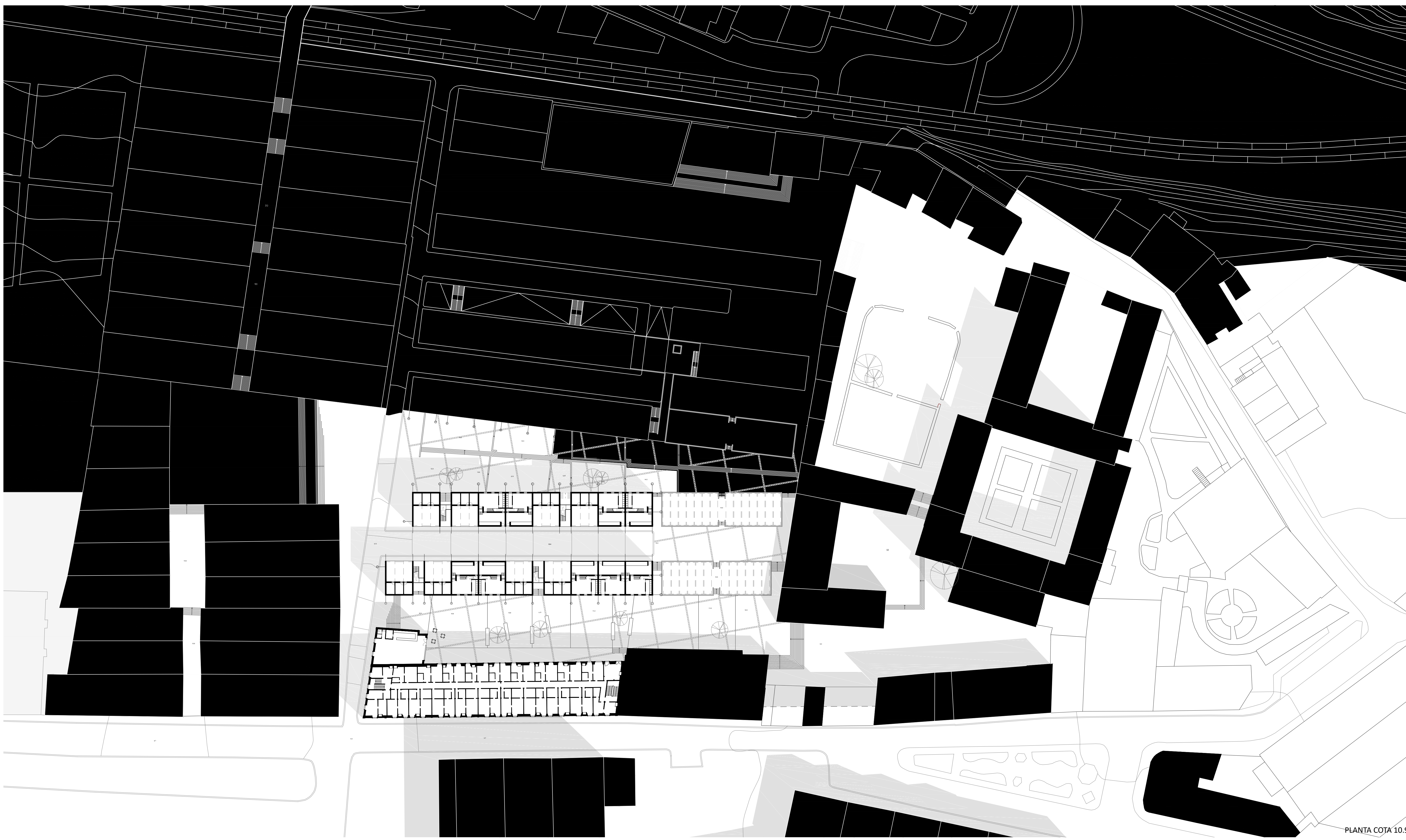
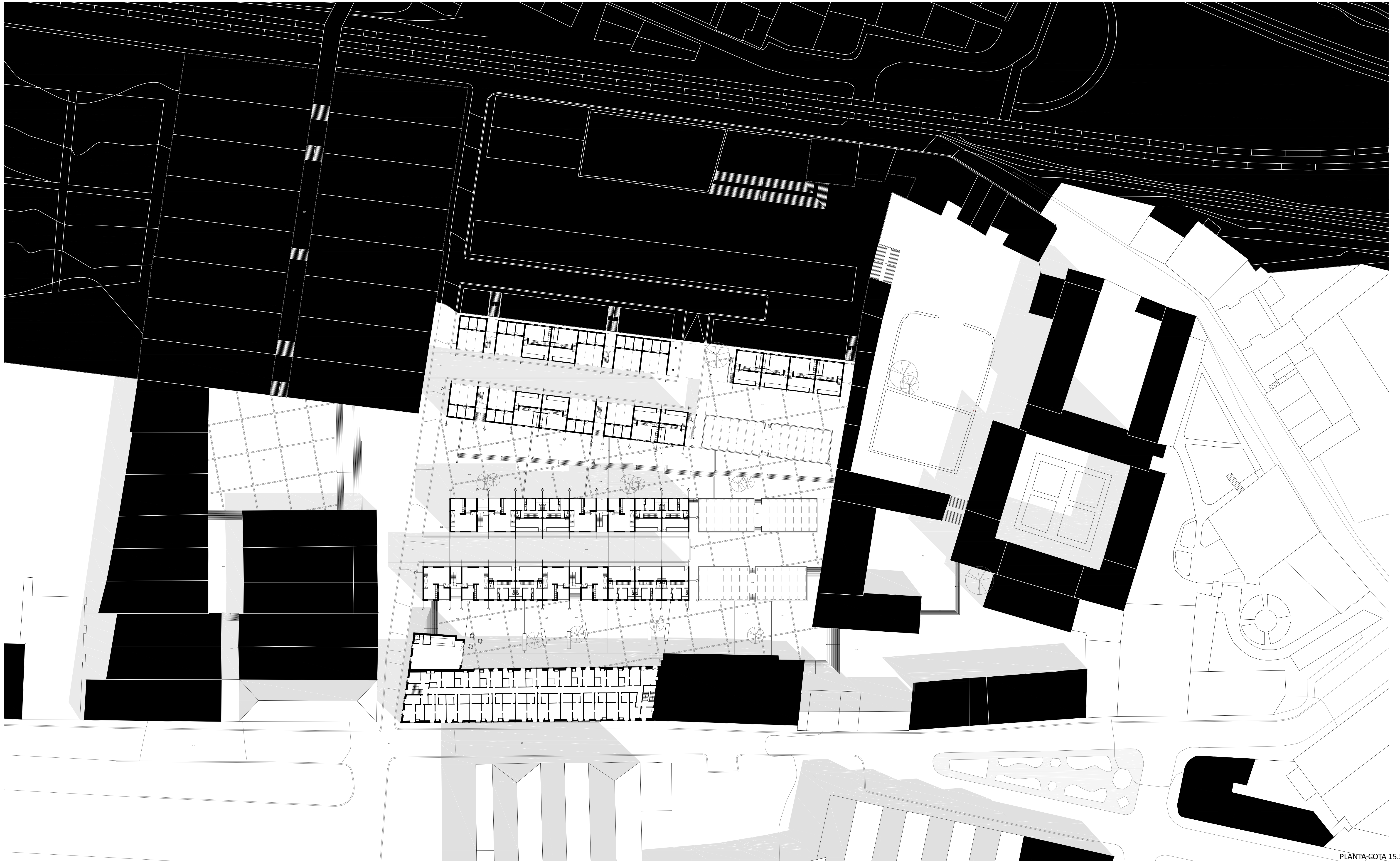
RESIDENCIAL ■ ACTIVIDADE COMERCIAL/EMPRESARIAL ■ ACTIVIDADE SOCIAL/INSTITUCIONAL ■ ACTIVIDADE INDUSTRIAL ■ ACTIVIDADE DESPORTIVA/ARTES ■ DEVOLUTO
 ○ ATRAVESSAMENTO PEDONAL + TRÁFEGO AUTOMÓVEL - TRÁFEGO AUTOMÓVEL — PARAGENS DE AUTOCARRO /

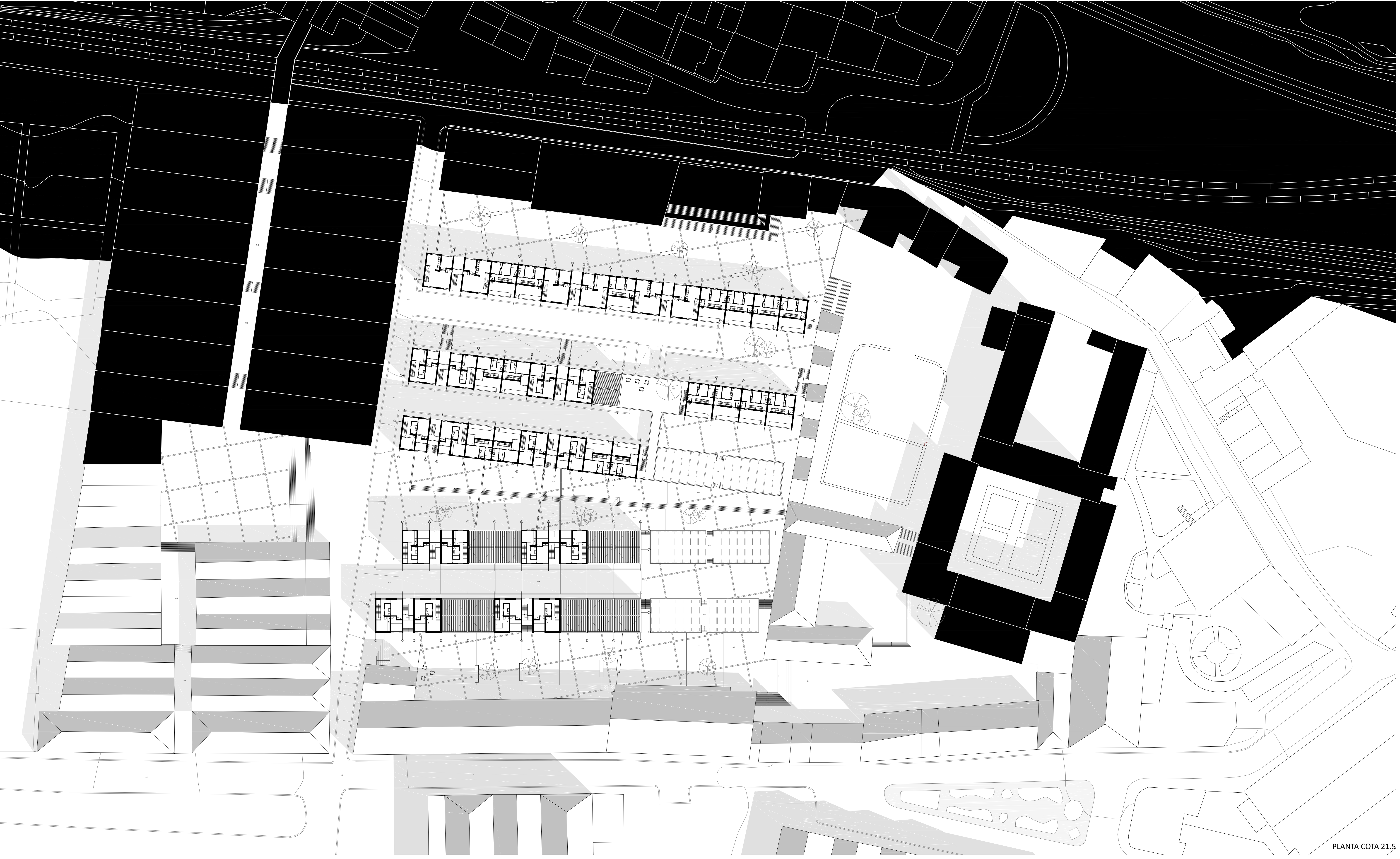
DESENHO 1: PLANTA ANÁLISE HUMANA E SOCIAL
 ESCALA 1/2500



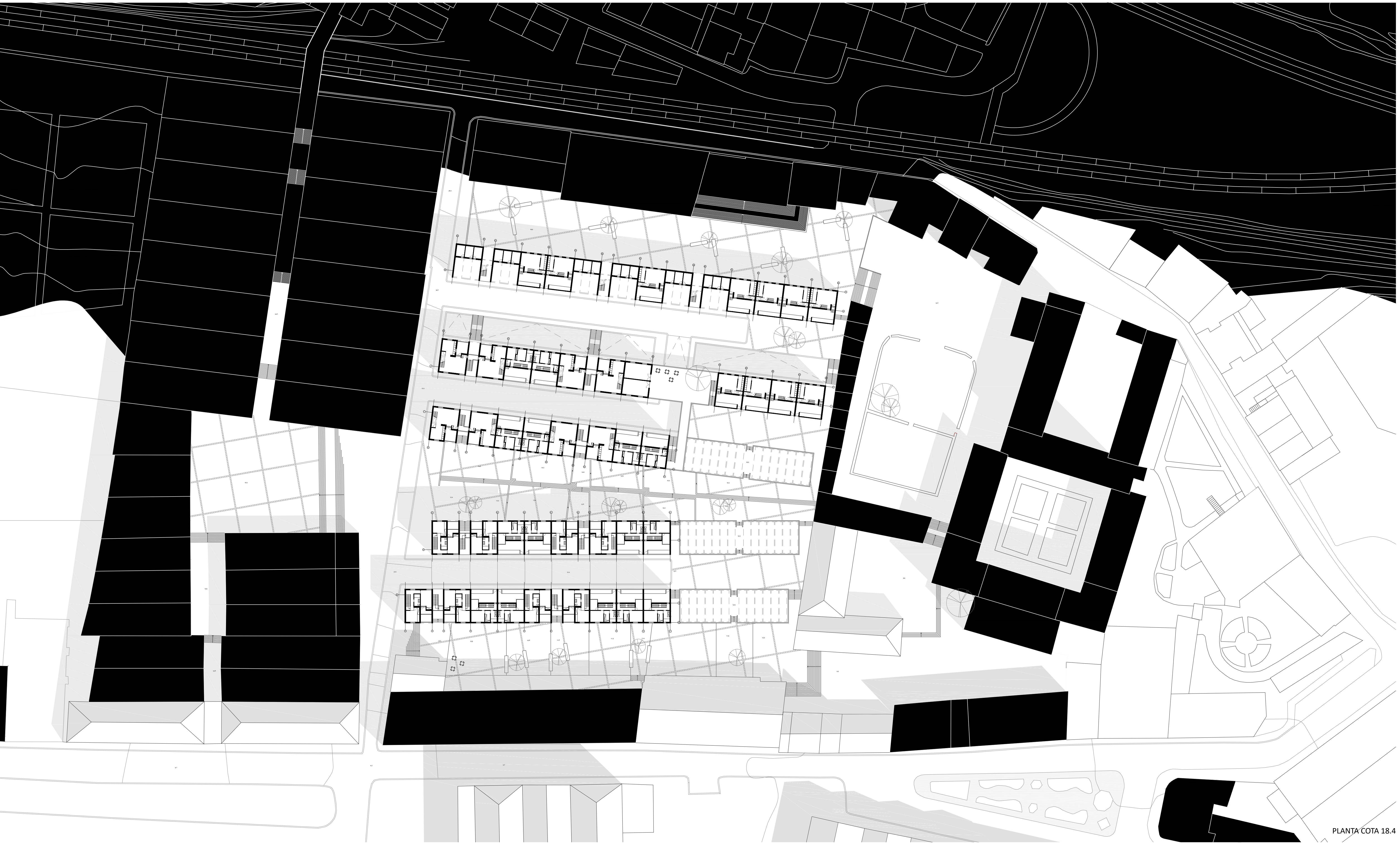
■ HABITAÇÃO ■ EQUIPAMENTOS ■ ELEMENTOS ESTRUTURANTES ■ VERDE FORMAL ■ HORTAS ● NOVA REFERÊNCIA URBANA
 ● NOVA CENTRALIDADE — NOVAS LIGAÇÕES/ARTICULAÇÕES < PONTOS DE VISTA DE INTERESSE

DESENHO 4: IDEIA DE PROJECTO E SÍNTESE CONCEPTUAL
 ESCALA 1/2500

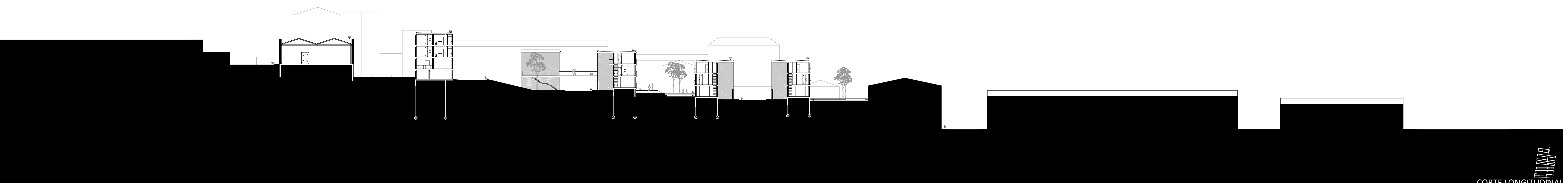




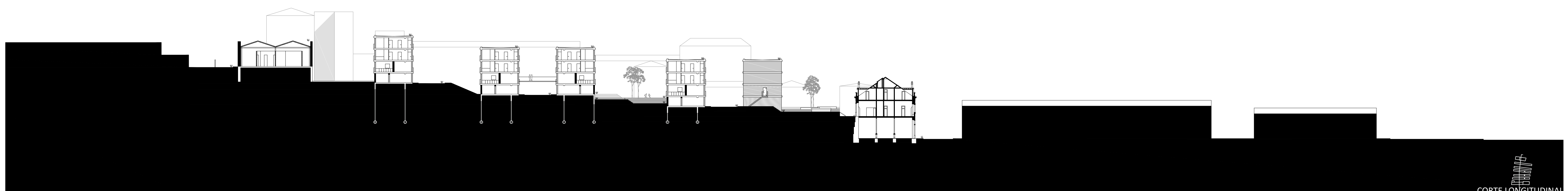
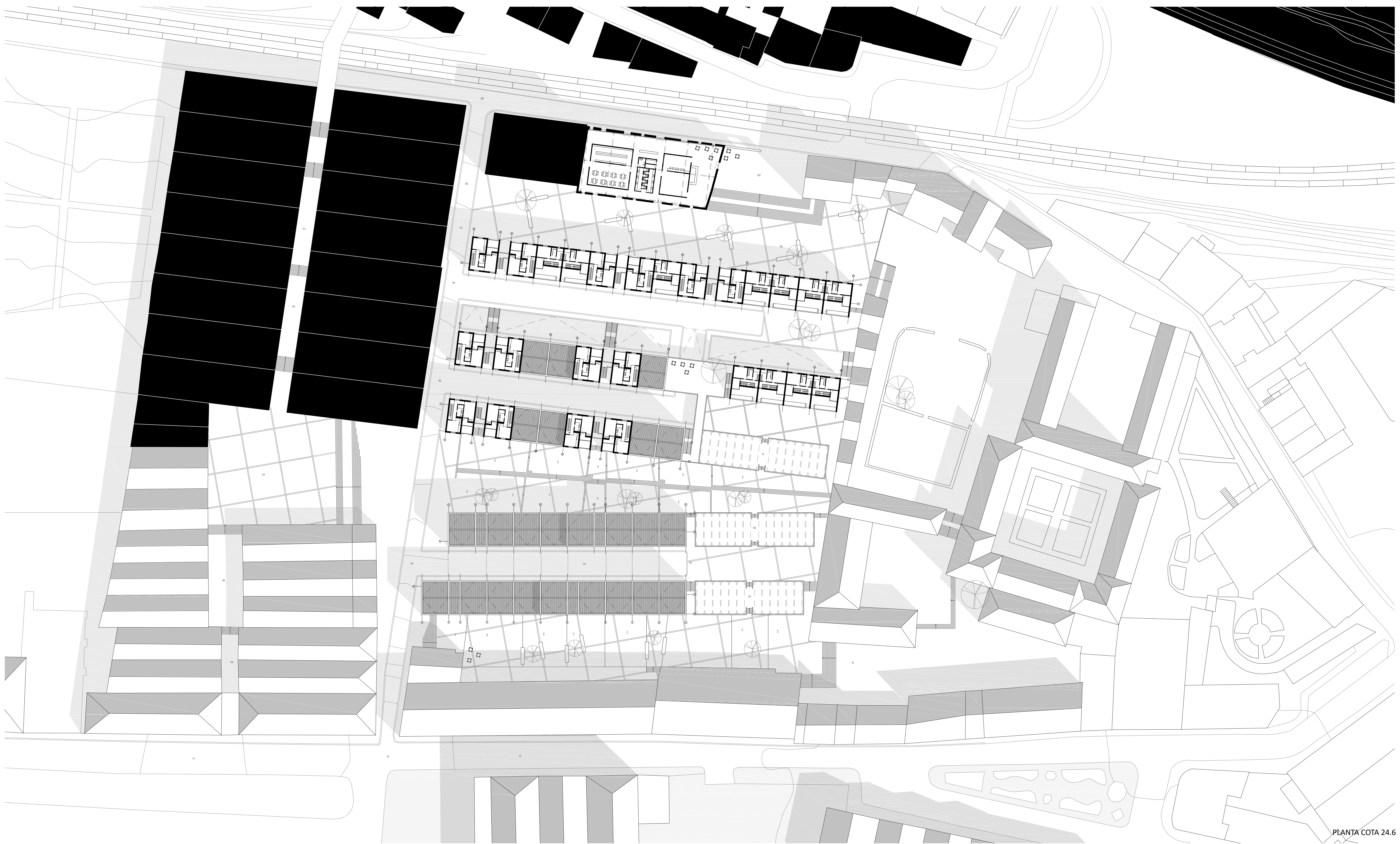
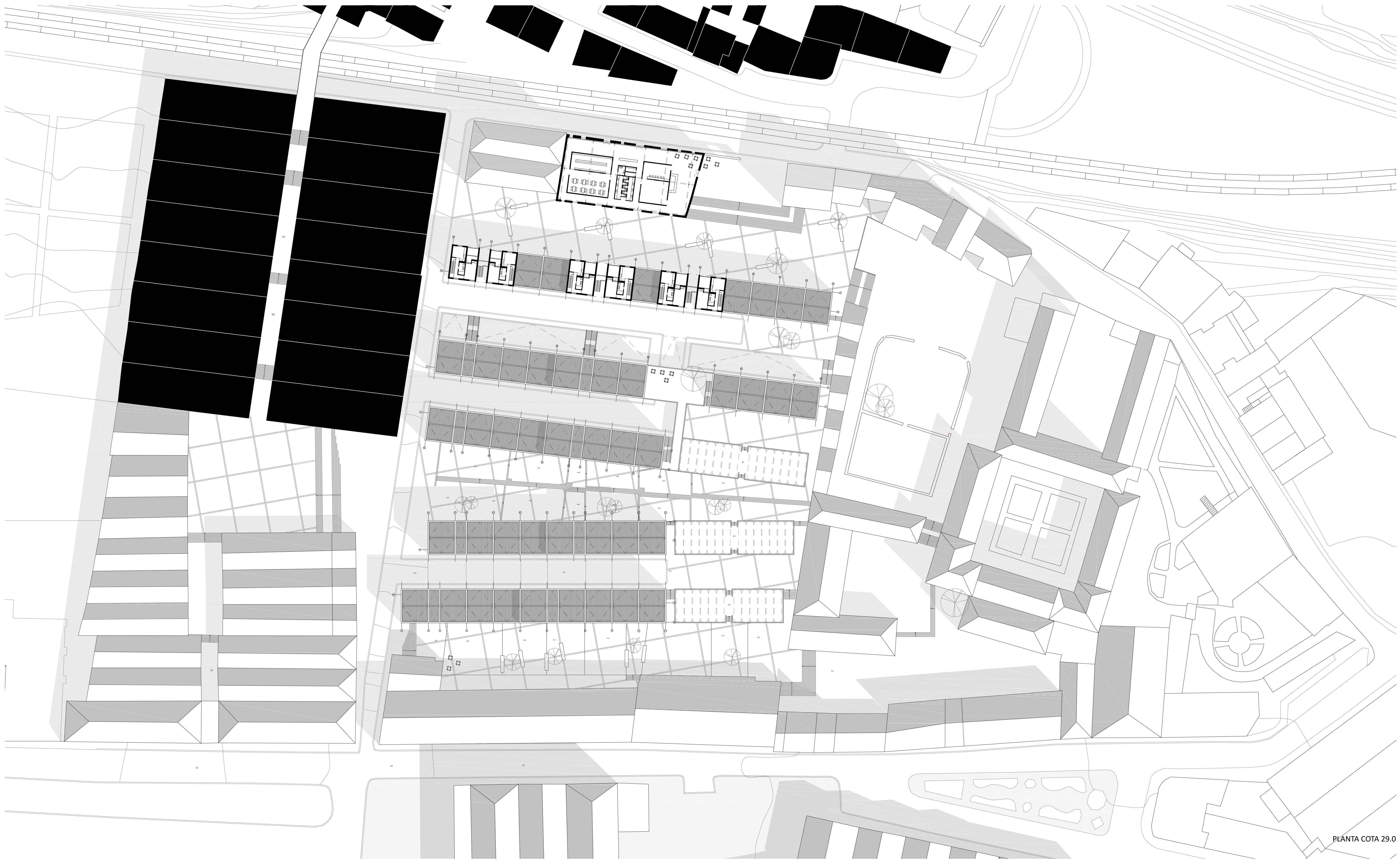
PLANTA COTA 21.5

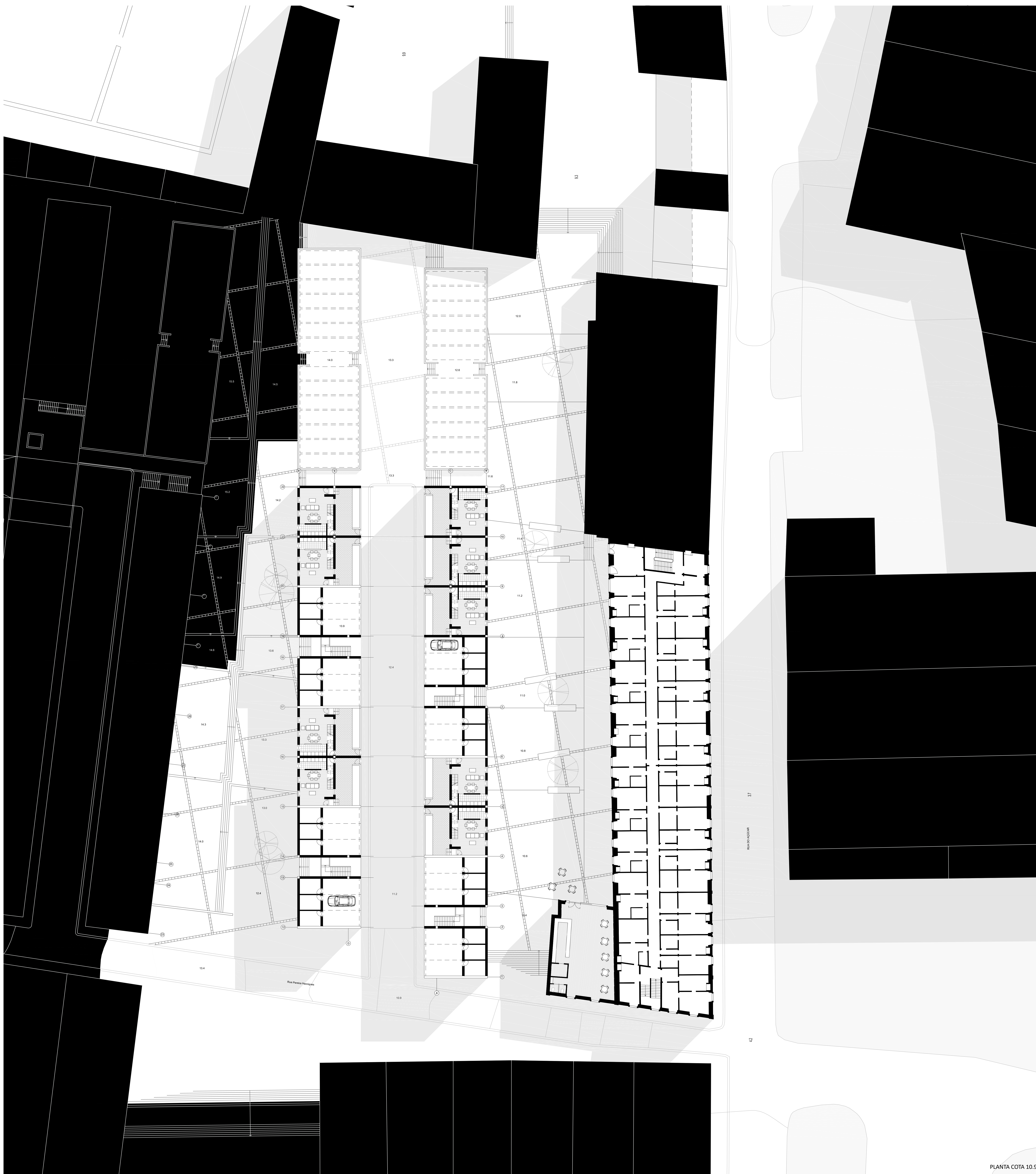


PLANTA COTA 18.4



CORTE LONGITUDINAL

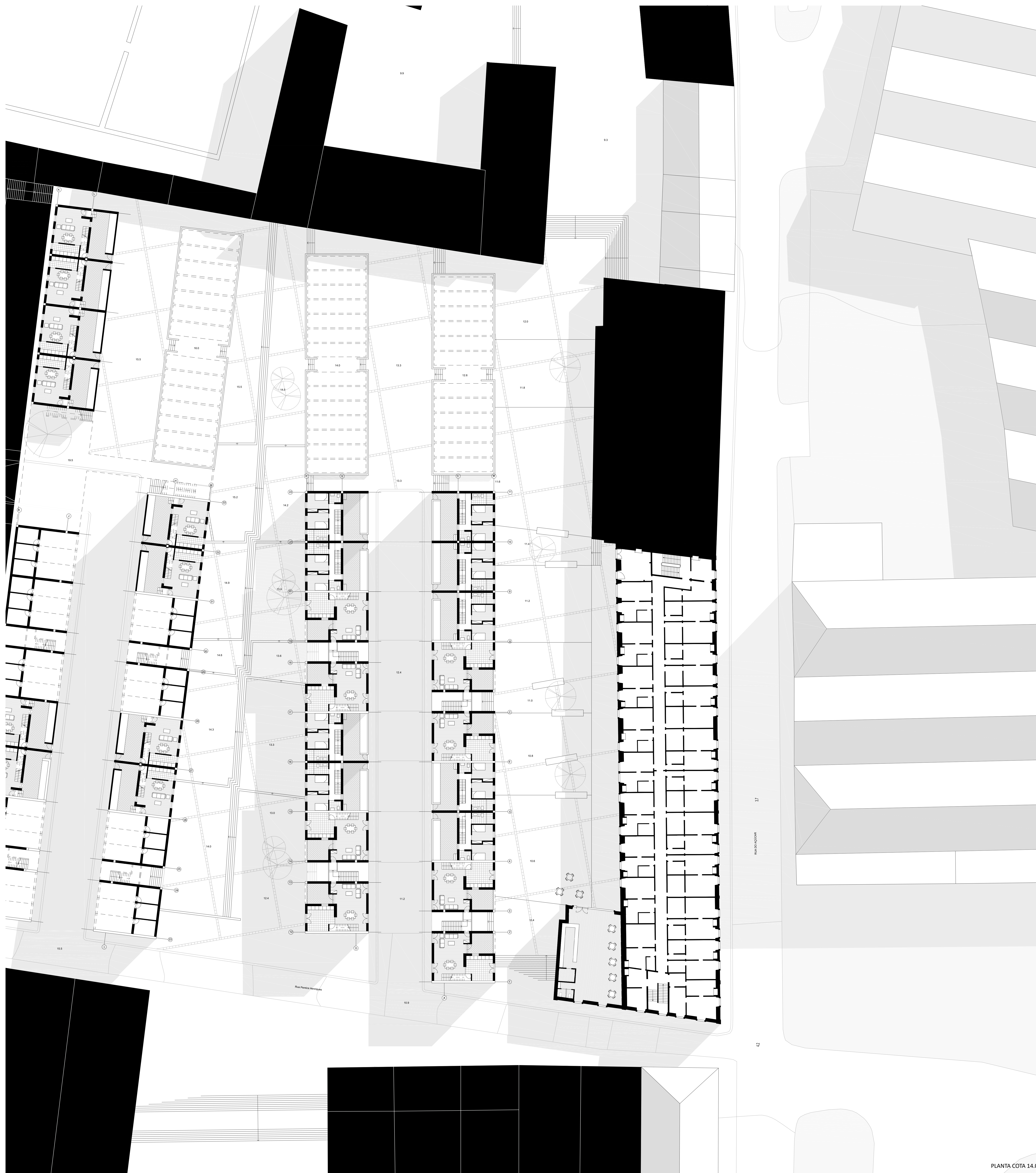




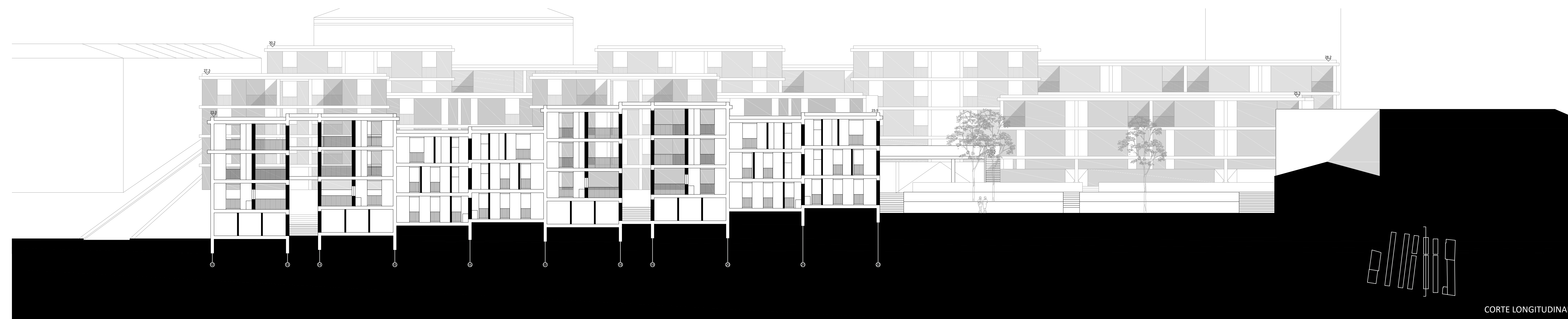
PLANTA COTA 10.9



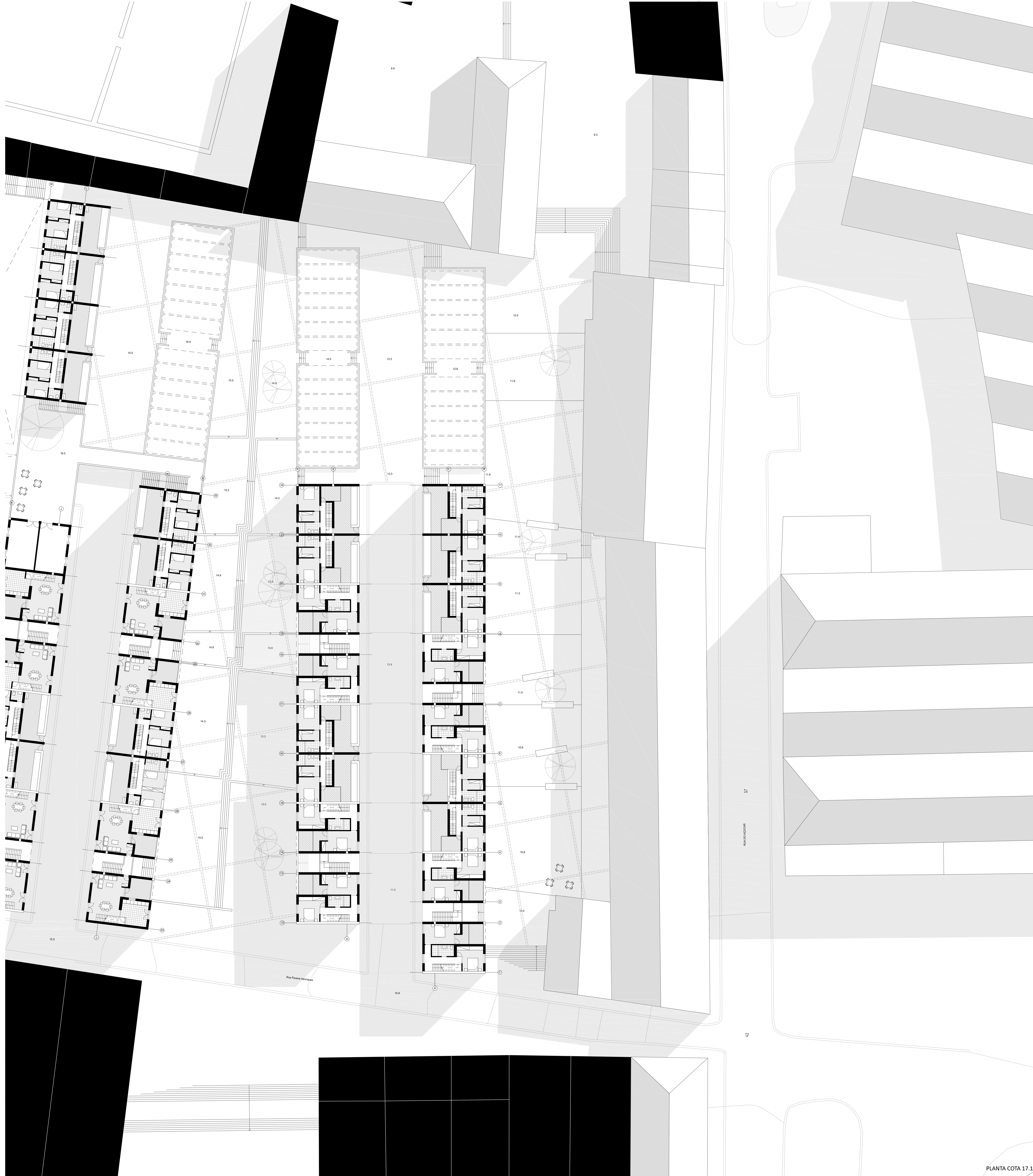
ALÇADO FRONTAL



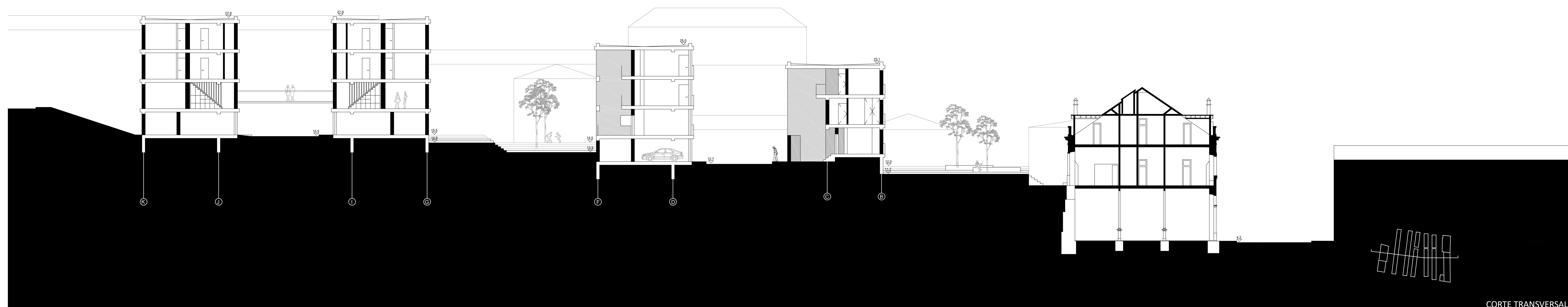
PLANTA COTA 14.0



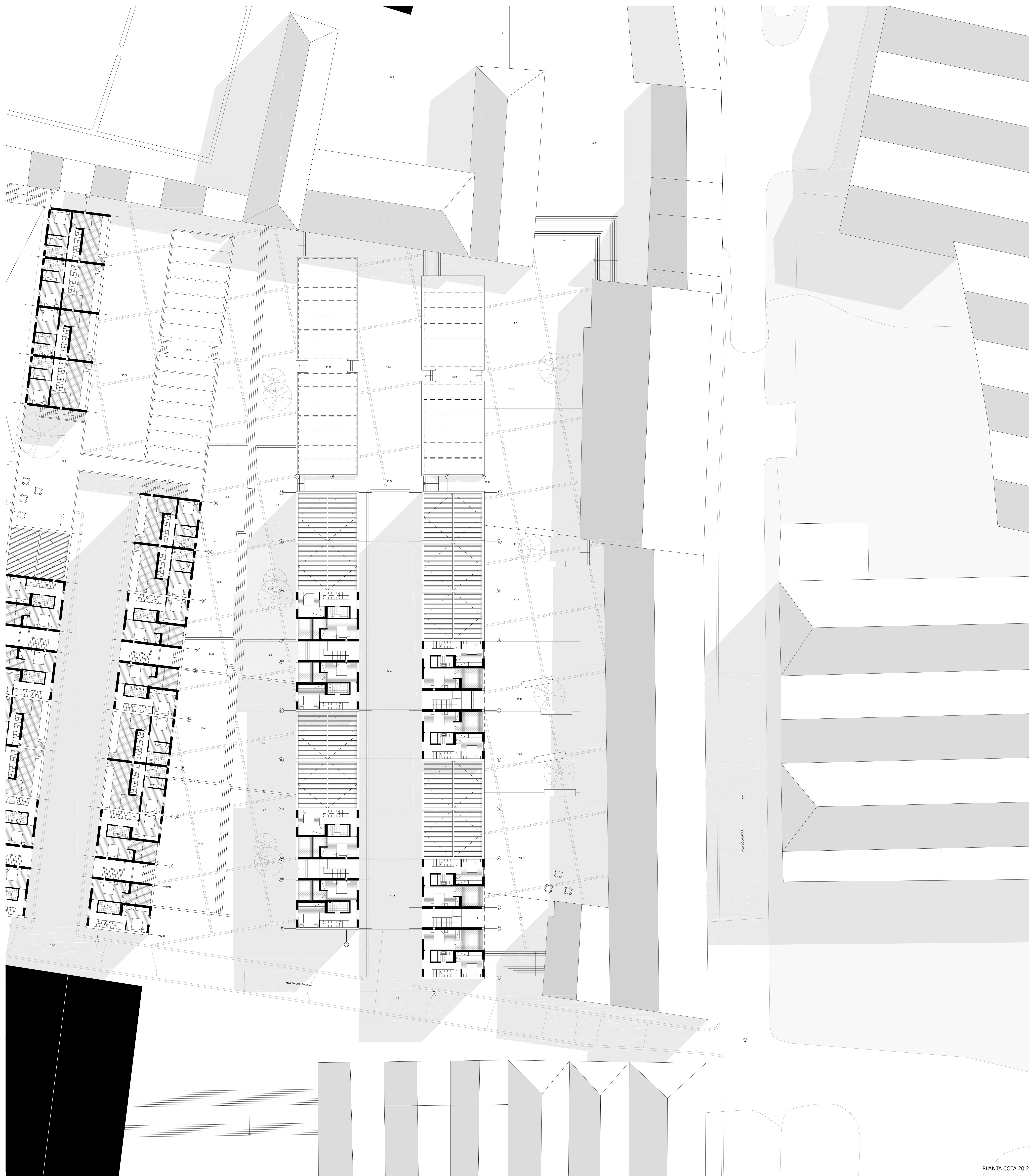
CORTE LONGITUDINAL



PLANTA COTA 17.1

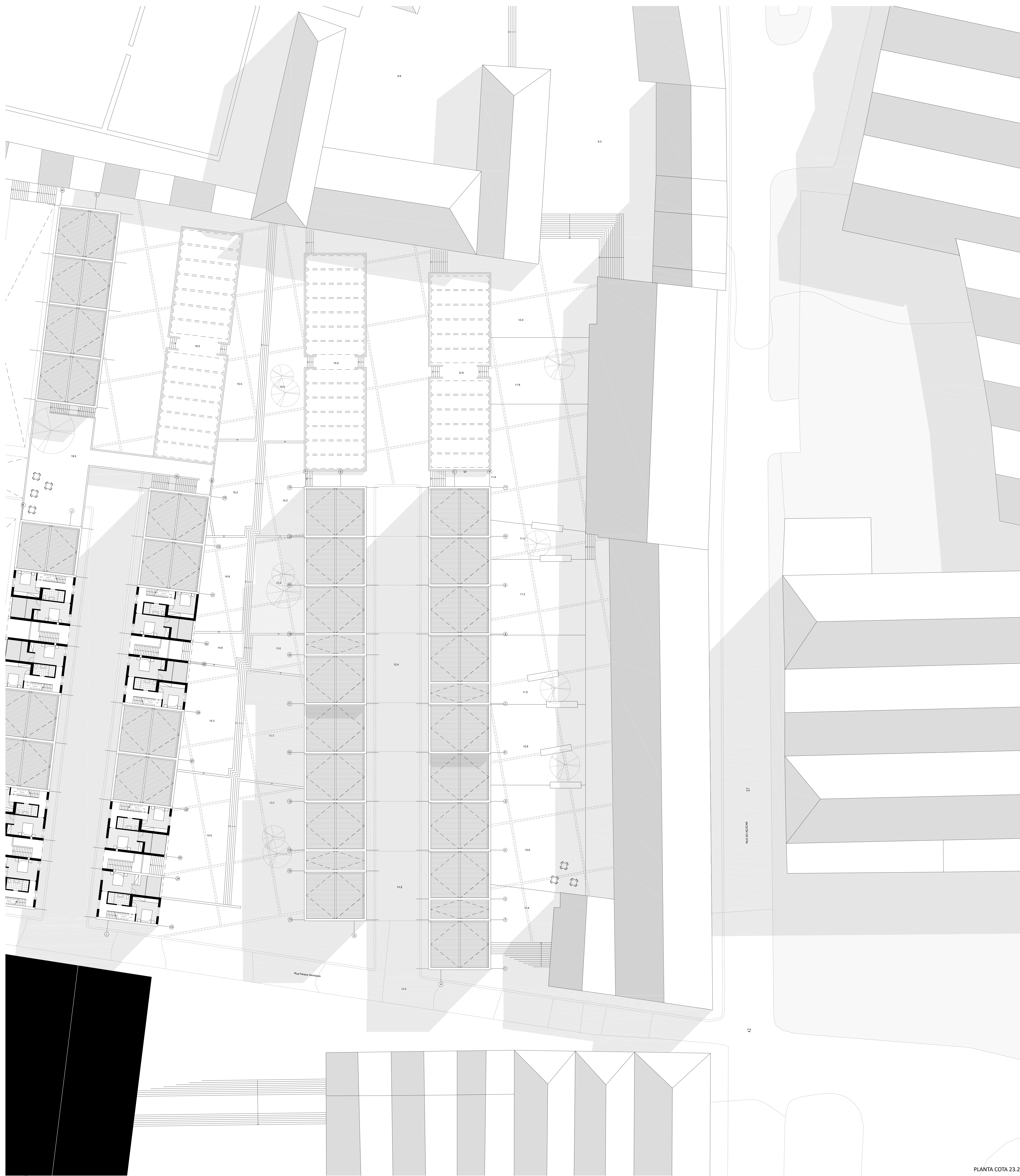


CORTE TRANSVERSAL

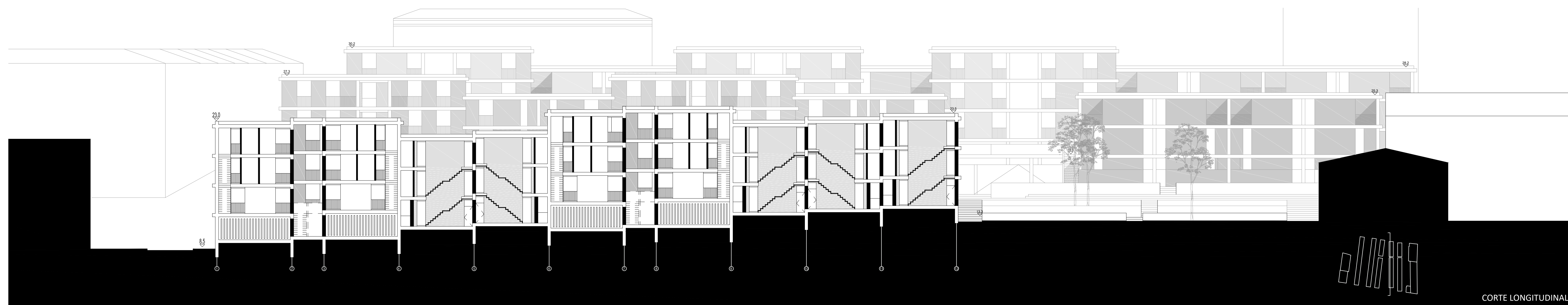


PLANTA COTA 20.2

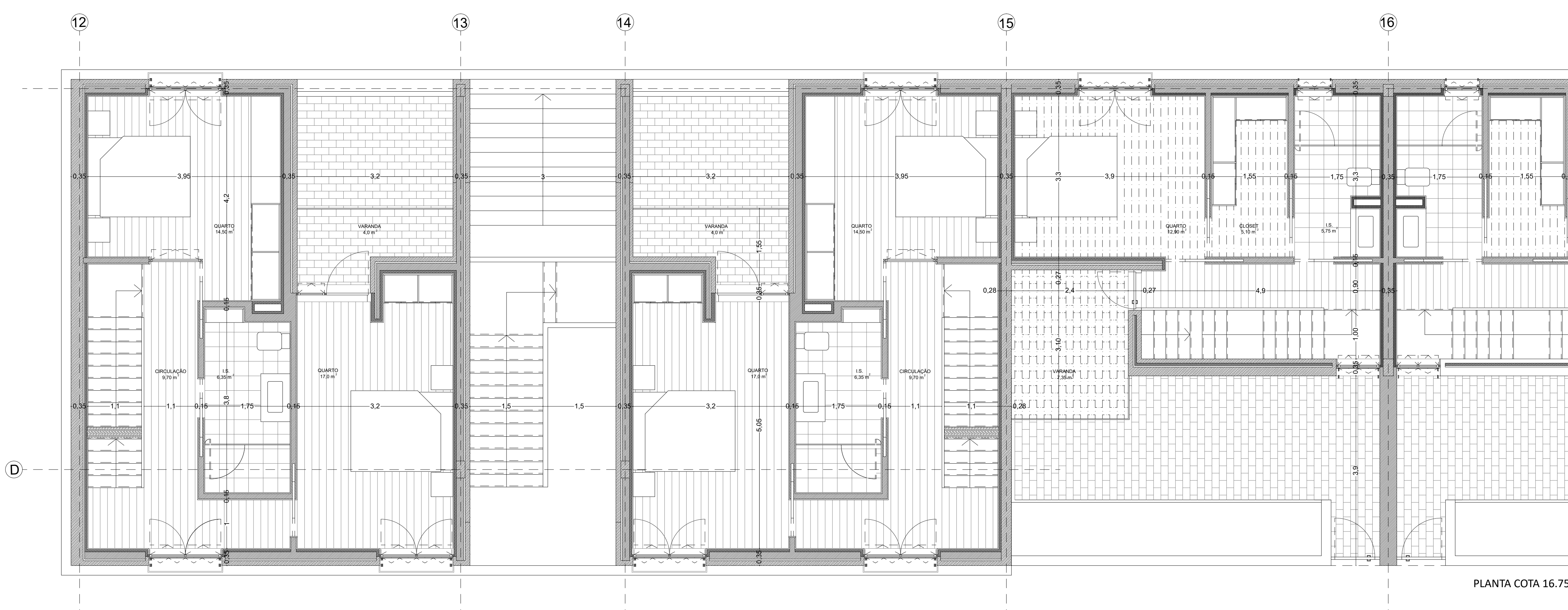




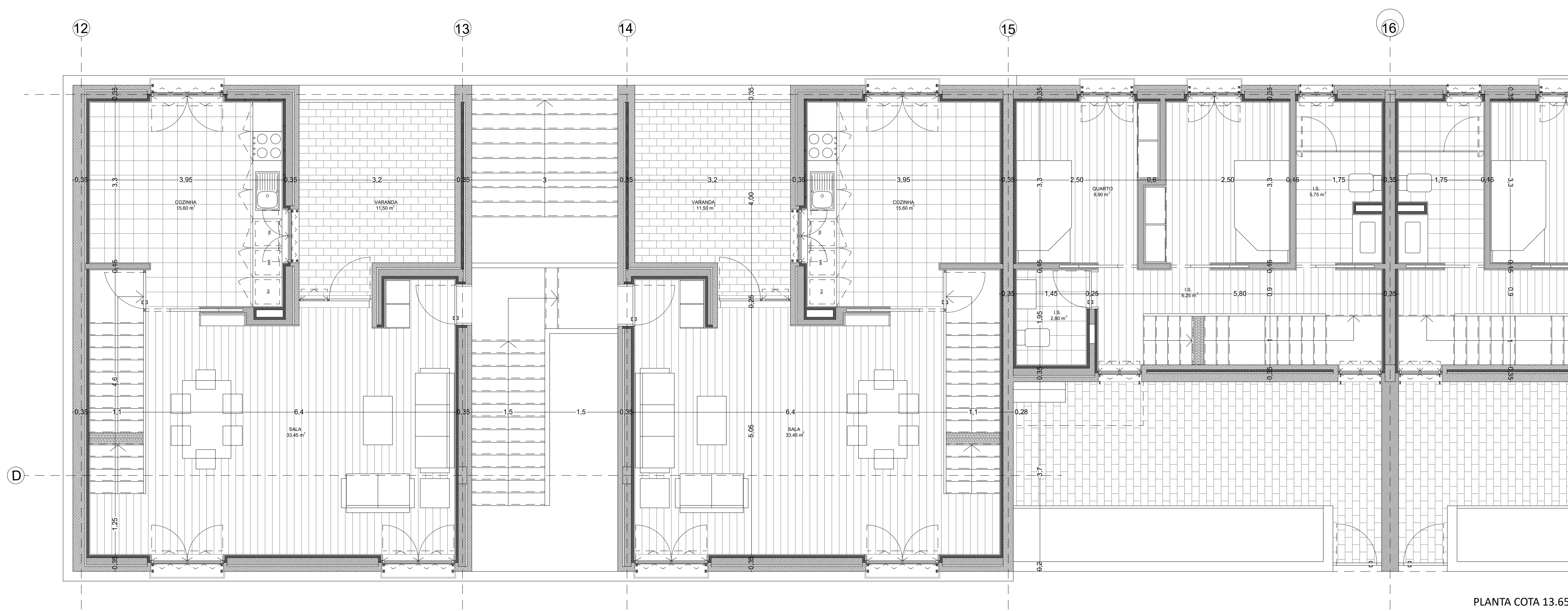
PLANTA COTA 23.2



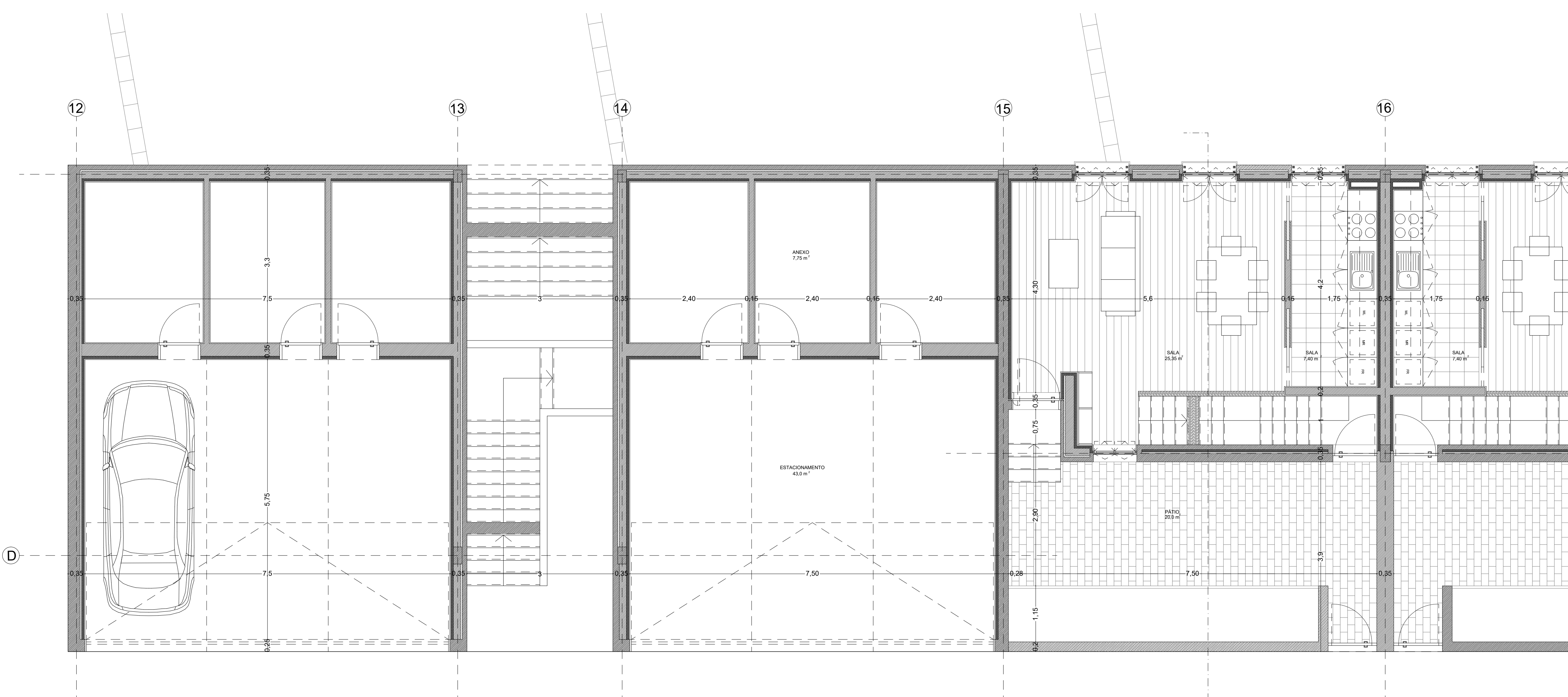
CORTE LONGITUDINAL



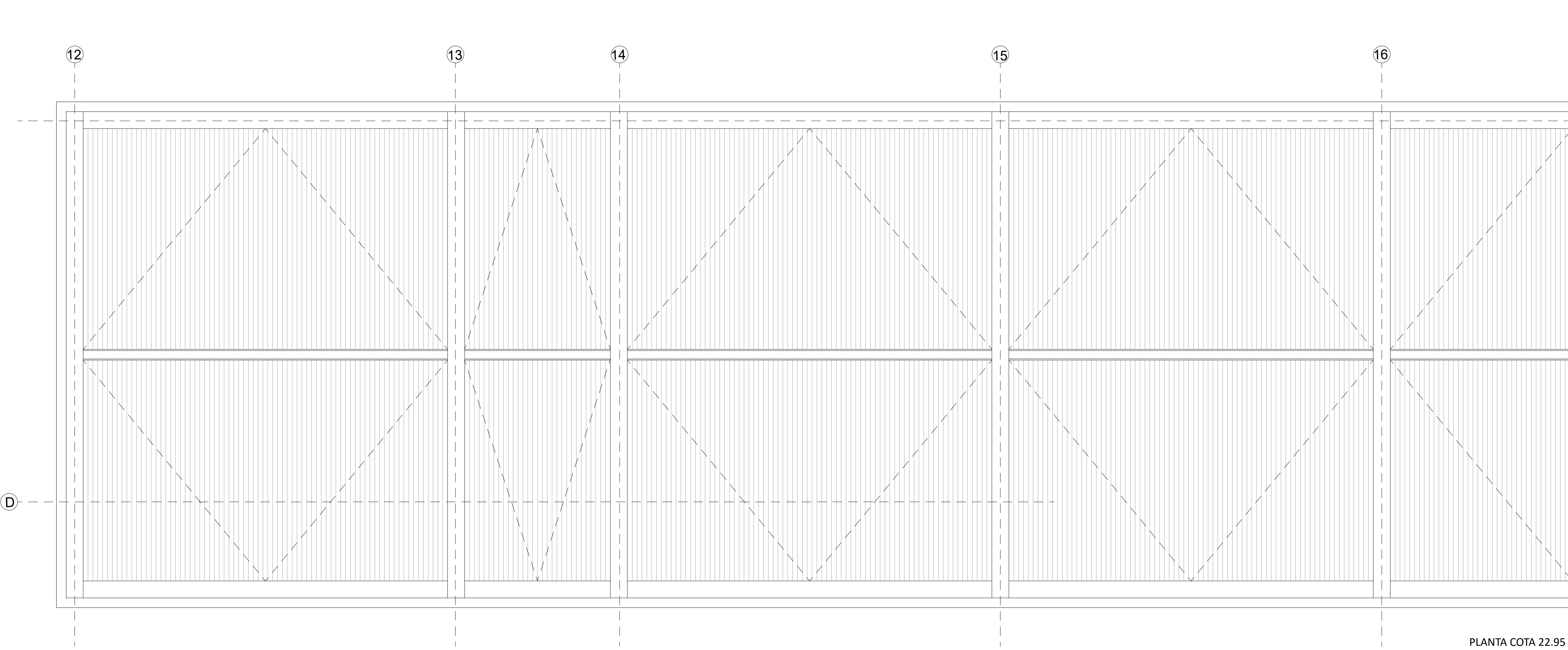
PLANTA COTA 16.75



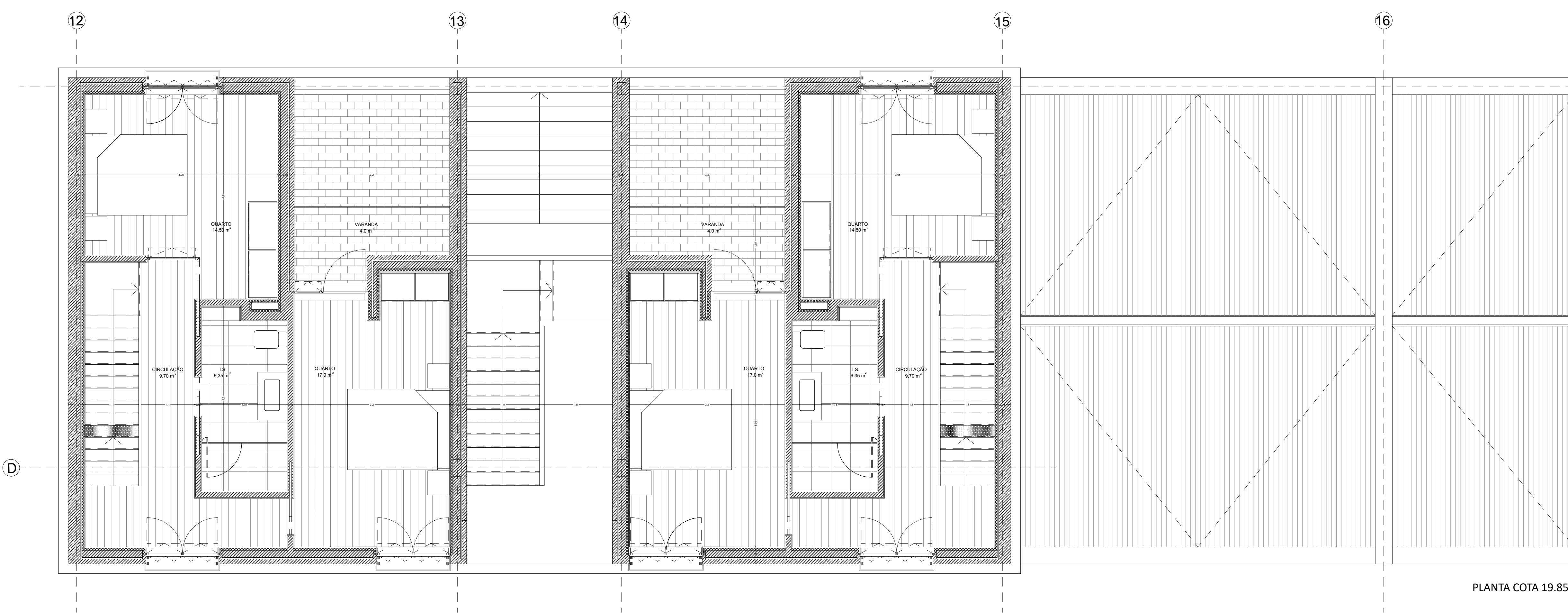
PLANTA COTA 13.65



PLANTA COTA 10.90

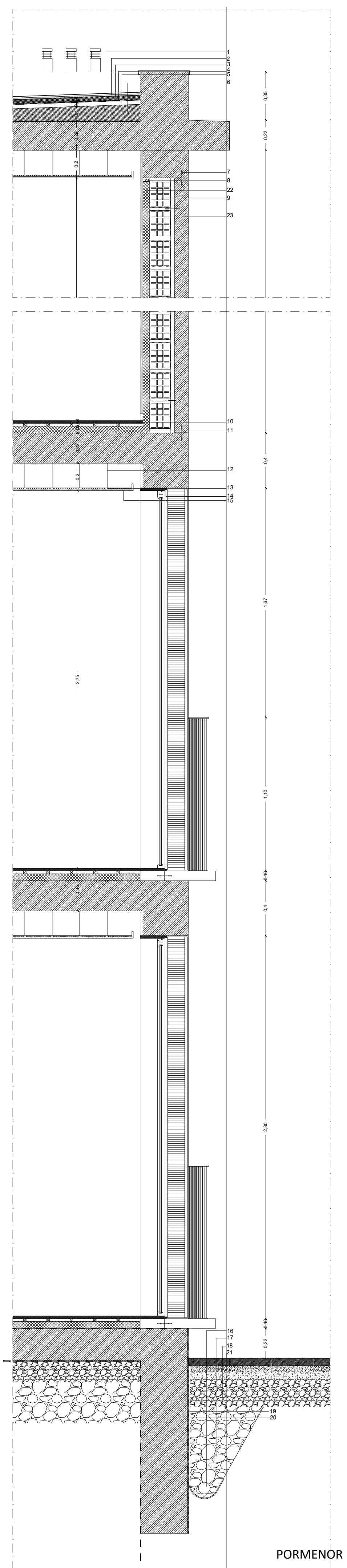


PLANTA COTA 22.95

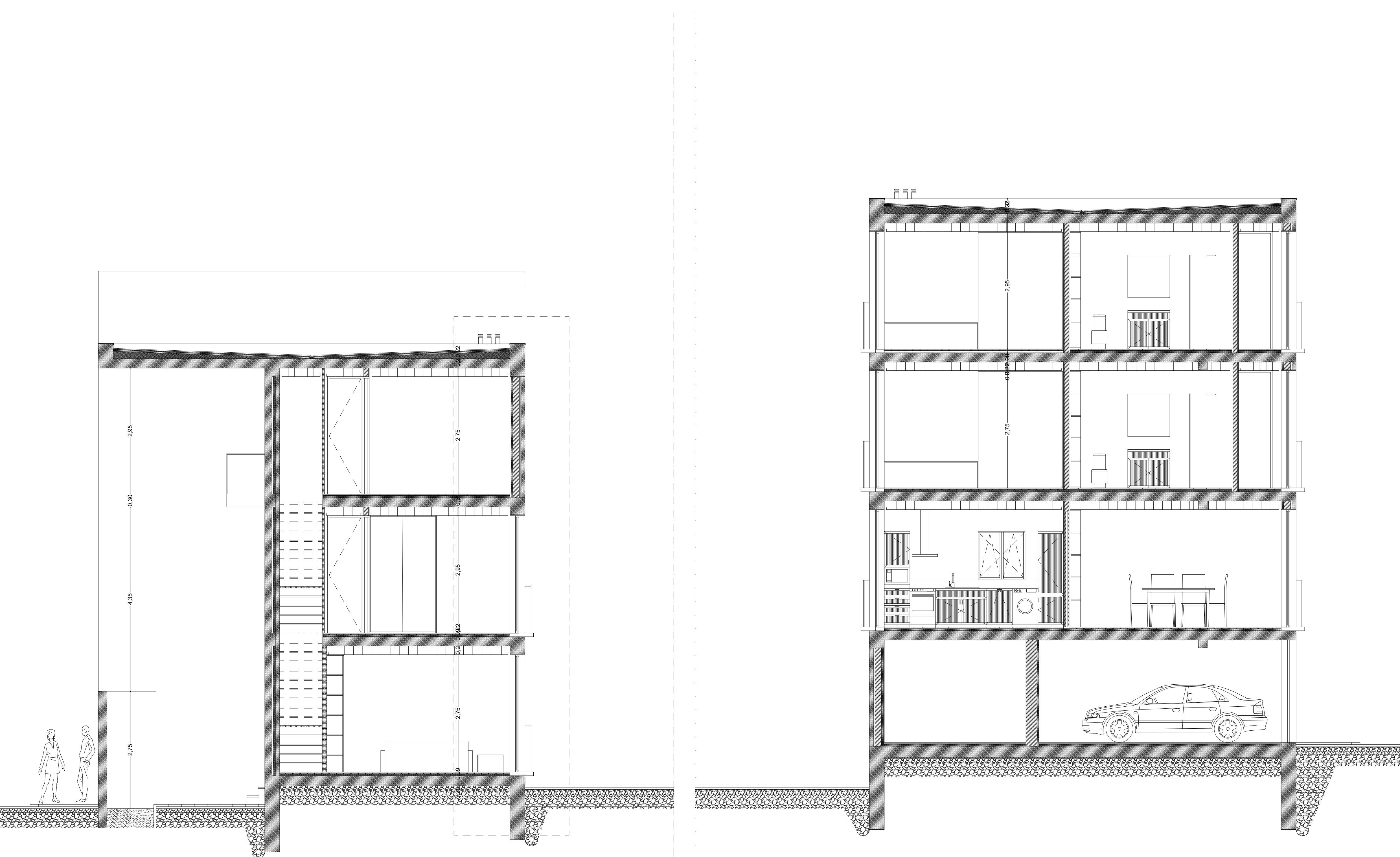


PLANTA COTA 19.85

- 1: CHAMINÉ DE VENTILAÇÃO DE ESGOTOS E DESENVOLVIMENTO
- 2: ACABAMENTO EM ZINCO 30M
- 3: ISOLAMENTO TÉRMICO
- 4: TELA DE IMPERMEABILIZAÇÃO ASFÁLTICA SEM
- 5: BETULINA DE REGULARIZAÇÃO 3CM
- 6: CAMADA DE FORMA: ARGILA EXPANDIDA E BÊTAO LEVE
- 7: GATO DE FIXAÇÃO METÁLICO
- 8: MONTANTE
- 9: AVENTARIA DE TÍCULO
- 10: SOLAHO, TABUA DE PINHO
- 11: RIPADA DE ASENTAMENTO DO SOLAHO
- 12: TIRANTE DE SUSPENSÃO
- 13: PERFIL DE TECTO
- 14: FOLGAS
- 15: PLACA DE GESSO CARTONADO
- 16: ORENO 130MM
- 17: CASCALHO
- 18: BRITA
- 19: MANTA GEOTÊXTIL
- 20: TELA PROTETORA
- 21: CALÇADA DE GRANITO
- 22: ISOLAMENTO TÉRMICO, CORTIÇA EXPANDIDA
- 23: PLACA DE BÊTAO COPRADO



PORMENOR 1:20



CORTE TRANSVERSAL

ANEXO II – PROCESSO DE TRABALHO: ESQUIÇOS, ESQUEMAS E MAQUETAS

